O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 24 DE NOVEMBRO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, acrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:746

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A LAVOURA NACIONAL.—O QUE ELLES DIZEM.—DESMENTIDO.—COMO OS PARVOS ESCREVEM A HISTORIA.—APOTHEOSE.—FACTO POLITICO.—NOTICIARIO.—OS PROCESSOS DE OPPOSIÇÃO.—COLHEITA DE 1888.—CARTA DE LISBOA.—COMMUNICADOS: NECROLOGIO, *por João Gama Corrêa da Cunha.*—SECÇÃO AGRICOLA: RHODODENDRON ARBOREUM, *por José Marques Loureiro.*—SECÇÃO LITTERARIA: A RAINHA DOS PEIXES, *por Gerardo de Nerval*; O ESPELHO, *por Nemo*; O N.º 13, *por Zuleicka.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

A LAVOURA NACIONAL

«E' porque a moagem determinou arruinar a agricultura nacional, como represalia do movimento ultimamente levantado por ella; é unica e simplesmente uma teimosia que determina este estado ruinoso para o paiz.

.....

«E' preciso que o governo, o parlamento e o paiz, sejam desaffrontados da pressão humilhante exercida por meia duzia de fabricas de moagens, que para reforçarem a sua acção, obrigaram a seguil-as n'este movimento os padeiros, seus naturaes dependentes.

«E' necessario e indispensavel que todos quantos prezam a dignidade do paiz, ponham de parte a politica partidaria e se unam e aconselhem e deem força ao governo, para que se inutilise todas as machinações d'uma classe limitada, que esmaga, affronta e ludibria os poderes publicos e o paiz inteiro.»

Carta do sr. *F. S. chargiochi.*»

Vemos que não se iniciaram com proveito da classe agricola os trabalhos preparatorios do congresso, cuja sessão plena deve verificar-se em 10 de janeiro proximo. E contrista-nos o facto que é um simptoma de decadencia, transformando-se aquelle synodo, que devia ser um atheleta a favor da agricultura nacional, em instrumento partidario, em arena em que se jogam as armas da politica facciosa.

Dissertaram alguns oradores contra o governo. Por aqui se avalia a sinceridade dos seus intuitos, e o que d'elles pode esperar a lavoura. Seria bom discutir sobre melhores bazes, visto que as adoptadas servem apenas de comprometter os trabalhos do congresso, de cujo esforço, ao que parece, não se pode esperar nada que seja util á classe.

Entremos porém na questão sem mais preambulos.

A lavoura pede que a protejam, visto que desajudada não póde luctar com a concorrencia dos cereaes estrangeiros. Para isso é necessario que sejam elevados os direitos de importação sobre o grão e farinhas. Entre ella e o consumidor existem ainda duas classes, a saber, o moageiro e o padeiro. O primeiro é quem até aqui ditou leis ao mercado de cereaes. O segundo é o reflexo do primeiro, porque não podendo comprar directamente ao lavrador, tem de sujeitar-se a uma de duas hypotheses, a saber:—importação directa de farinhas, o que lhe absorveria grosso capital; ou comprar o genero directamente ás fabricas, o que póde fazer na proporção do consumo, e muitas vezes a credito. N'estes termos não vae buscar fóra o que tem ao pé da porta em condições mais favoraveis.

Mas o que faz com que a lavoura nacional não venda os seus productos? Não quererem as fabricas moer os trigos indigenas. D'onde provém esta antipathia? Ignoramol-o, sabendo apenas que ella subsiste. Ora continuando assim as cousas, qual o meio de facilitar a venda dos cereaes portuguezes, sem prejuizo do cultivador, nem sacrificio do consumidor?

Parece que estabelecendo-se fabricas especialmente encarregadas da moagem dos trigos nacionaes, fica morta a questão. Diz-nos isto a razão, que a verdade historica virá de certo confirmar. E desde o momento que os cereaes attinjam entre nós preços remuneradores, parece dever ficar satisfeita a nossa agricultura.

Mas do que se trata em primeiro logar? De criar estabelecimentos onde possam ser moidos os nossos trigos. E como as emprezas particulares existentes não se prestam a isso, o meio de obviar a tamanho inconveniente, é montar fabricas que não se occupem d'outra cousa. E como o governo teve em vista cortar o mal pela raiz, dirigiu uma proposta n'este sentido á real associação de agricultura, que se suppõe consubstanciar em si os interesses legitimos da lavoura nacional, na qual se estabelecem vantagens de todo o ponto aceitaveis para a classe agricola.

Não se trata de saber se se formará um syndicato; o que o governo procura é remover a crise desde que se annuncia que os nossos trigos se acham enceleirados, em quanto os portos estão abertos aos cereaes estrangeiros, mediante um pequeno imposto aduaneiro. Tambem não se trata de saber se ha na associação quem acceite e a quem convenha a proposta do governo. Do que ha a tratar é, de averiguar se a associação está disposta ou não a pugnar pelas verdadeiras conveniencias da agricultura. No caso affirmativo, todas as prevenções são escusadas. Estude-se o assumpto com seriedade, e discutam-no depois sem resaibos de politica partidaria, que é a peor lepra que póde atacar as questões economicas, como a que nos occupa.

Não ignora o *Jornal do Commercio*, que o direito protector do trigo não póde ser tão alto, que se reflicta no preço do genero depois de manipulado. E desde que o lavrador tenha a certeza de que os seus productos encontram facil venda no mercado, nada mais lhe deve importar, a não ser o aperfeiçoamento dos methodos culturaes, como meio de influir beneficamente na producção, augmentando-a sem maior dispendio.

A Allemanha augmenta o tributo sobre os trigos estranhos, uma vez que d'ahi não resulte perigo para o consumidor. Quer dizer, não protege por tal modo a agricultura indigena, que suba o preço do pão. E por aqui se ter feito exactamente o contrario, o custo do genero manipulado subiu, a ponto de se ouvirem já os queixumes do consumidor.

Ora como esta classe é a mais numerosa, deve ter-se em consideração, não a sacrificando á especulação do lavrador, do moageiro ou do padeiro. E quando alteiam as farinhas, o manipulador tem de acompanhar o movimento para não perder. Supor o contrario seria grande imbecilidade.

E como os moageiros só muito apertados pelas circumstancias é que fazem uzo dos trigos nacionaes, claro está que montando fabricas que reduzam a farinha só os cereaes portuguezes, ficam resolvidas todas as difficuldades presentes e futuras, sendo por consequencia não só acceitavel, mas até de grandissima vantagem a proposta do sr. ministro da fazenda, que tem condições que até arregalaram o olho ao proprio *Jornal do Commercio*.

Morta a causa cessa o effeito. Satisfeita a primeira, a principal necessidade, que é a criação de estabelecimentos destinados a reduzir a farinha, os trigos indigenas, os pequenos e grandes lavradores terão a certeza da prompta venda dos seus productos cerealiferos, tendo os manipuladores mercado mais abundante, e por tanto mais lucrativo para a sua industria. E tudo quanto se diga em contrario póde servir á politica facciosa, mas a quem decerto não aproveita é aos interesses da agricultura.

O QUE ELLES DIZEM

Lê-se na *Epoca*, orgão da agricultura portugueza, o seguinte notavel artigo sobre a questão cerealifera:

«Hontem era o *Jornal do Commercio* a dizer-nos que o sr. ministro da fazenda, com a sua proposta á real associação central, armára uma ratoeira aos lavradores. Seria, com effeito, uma *ratoeira* a proposta, se o sr. ministro a tivesse armado de modo que n'ella ficassem entaladas, e despedaçadas, as pretensões e reclamações dos lavradores pelo simples facto da associação central acceitar, se acceitar, a formação e a direcção da fabrica para a moagem dos trigos nacionaes, e respectiva panificação.

Mas não é assim. O governo delega, com a sua proposta, a creação da fabrica em quem julga que melhor poderá satisfazer ao espirito da lei, que é beneficiar a industria agricola, libertando-a do jugo do monopolio do commercio, importação e moagem dos cereaes exoticos, que rejeita os trigos nacionaes, ou lhes impõe preços ruinosos. Esta delegação não representa o cumprimento integral da lei de 19 de julho, nem em taes condições se propoz. Por outro lado, os lavradores não desistiram, nem desistem, de suas reclamações, mesmo aquelles que julgam a proposta seria e acceitavel.

Ratoeira aos lavradores, e verdadeira ratoeira nos parece a que o *Jornal do Commercio* lhes quer armar, fingindo-se agora seu defensor e dizendo que elles são ingenuos mettendo-se nas mãos do sr. ministro da fazenda! Que pretende o *Jornal do Commercio*? Pretende que os lavradores lhe servim de instrumento para derrubar o governo. Isto, como politico. E como industrial, porque, sendo o proprietario do *Jornal do Commercio* tambem moageiro, lhe interessa que os lavradores recusem a offerta do governo. A fabrica de moagem dos lavradores, fornecendo os estabelecimentos do estado, seria um terrivel concorrente ás fabricas dos industriaes.

O *Jornal do Commercio* a defender agora os lavradores! Mas, quem póde acreditar em tal defeza? Em 14 de outubro, ha pouco mais de um mez, o *Jornal do Commercio* não conhecia senão o trigo estrangeiro, e censurava o sr. ministro da fazenda por «não reduzir o INQUALIFICAVEL direito com que sobrecarregou o trigo estrangeiro». E diz elle hoje que uma fabrica que môa os trigos nacionaes e lhes dê consumo — não salva a agricultura portugueza. Como se salva é deixando desaffrontadas as fabricas que os não moem, nem lhes dão consumo!

Devemos advertir que os lavradores, que acham acceitavel e util a proposta do sr. ministro da fazenda, consideram que ella, só por si, não salva a agricultura. E' preciso defendel-a tambem da invasão dos trigos estrangeiros; e isto precisamente não quadra ao *Jornal do Commercio*, que, como vimos acima, quer a reducção no direito de entrada dos trigos estrangeiros. Como se salva então a agricultura? O *Jornal do Commercio* diz-nos que é aperfeiçoando os instrumentos de lavoura, os processos de cultura, a estrumação, etc.

Ingenuos seriam os lavradores se lessem isto a sério. Elles teem as suas abegoarias cheias de instrumentos aperfeiçoados. Elles teem ensaiado adubos chimicos, estrumações diversas, varios processos, decantados nos livros, e estão, como os lavradores allemães, francezes, belgas, e mesmo inglezes, em circumstancias de não poderem affrontar a concorrencia dos trigos americanos, russos, ou indianos, produzidos n'outras condições de barateza. O *Jornal do Commercio* aconselha-os a fazer o que elles já teem feito.

Ratoeira é esta que arma o *Jornal do Commercio* procurando entregal-os á concorrencia estrangeira e ao jugo das fabricas de moagem.

Bem dissemos nós que o *Jornal do Commercio* não nos explicaria por que processos a agricultura allemã se levantou á altura de precisar de um direito protector de 1$350 réis por quintal metrico. Diz-nos que o governo allemão estabeleceu, sim, aquelle direito protector, mas não fabricas de moagem. E para que montaria estas, se os lavradores se não queixaram de que ellas rejeitariam os trigoz allemães para só moerem os estrangeiros. Os lavradores francezes tambem se não queixam das suas, e nós vimos ha pouco os moageiros francezes a pedirem ao governo que não reduzissem o direito protector.

Ainda o *Jornal do Commercio* insinua que os lavradores não devem acceitar a proposta do governo, porque nada entendem de negocios industriaes, e se não devem metter em cavallarias altas de competencia. Mas, como todos os industrias entendem de agricultura, a ponto de darem conselhos aos homens da profissão, elles procuram entender de industria de moagem, e o estudo não ha de levar-lhes muito tempo.»

Seria assim que responderiamos ao *Jornal do Commercio*, se por ventura não se tivesse antecipado a *Epoca*.

DESMENTIDO

São do *Correio da Noite* as seguintes palavras energicas e dignas contra os dislates que por ahi se escrevem sobre as questões de Aveiro:

«Uma das gazetas, que saem a lume na patria do José Estevão, o *Districto d'Aveiro*—celebra em phrases campanudas, o estylo hilariante a nomeação da nova commissão administrativa da misericordia d'aquella cidade, feita pelo actual governador civil, e ensoberbecida por tamanha victoria, que modestamente attribue a si e aos seus amigos, exige como complemento da sua gloriosa campanha a exoneração do nosso prestante correligionario Manuel Firmino de Almeida Maia do cargo do governador civil substituto!

Podiamos deixar a pobre da gazeta a phantasiar victorias, e demissões, e todas quantas tolices lhe viessem á imaginação exaltada; mas para que lhe não cresçam as soberbias nem lhe dê de todo volta o miolo, *vamos dizer-lhe já que, tudo quanto se tem* feito em Aveiro, tem sido com pleno accordo, e espontaneo assentimento do governador civil substituto e dos seus e nossos amigos. E para arrefecer os enthusiasmos da mesma gazeta mais lhe diremos, que o sr. Manuel Firmino continua a merecer toda a confiança do governo, e que por isso, por mais que a sobredita gazeta se esfalte a exigir a cabeça do governador civil substituto, perderá o seu tempo e a sua prosa.

Isto fica dito por uma vez, e ser exemplo.»

COMO OS PARVOS ESCREVEM A HISTORIA

Um jagodes ou um jaime qualquer dirigiu á *Provincia* o seguinte telegramma. Vejam:

«*Aveiro 23, ás 12 h.*—Foi nomeada uma nova commissão para gerir os negocios da mizericordia, excluindo todo o elemento *firminista*. Considera-se a questão d'Aveiro quasi resolvida. O bom senso e a habilidade do conselheiro Espergueira são unanimemente louvados. *L.*»

Ora vejam como este illustre pacobio escreve a historia da terra em que não nasceu, mas onde vive—graças aos rabanetes e ás alfaces, que cultiva com esmero!

O elemento *firminista* foi *excluido* da lista, mas o sr. conselheiro Espregueira tem a *unanimidade* dos louvores!

Se tem por isso a unanimidade dos applausos, devem comprehender-se no numero os do sr. Manuel Firmino e os dos seus amigos, que por *poucos que sejam* sempre são alguns.

E não come farelo crú esta *acizada* criatura!

APOTHEOSE

Foi uma verdadeira apotheose, a festa que na segunda-feira, 19 do corrente, teve logar em Coimbra, em honra do decano dos jornalistas portuguezes e nosso presadissimo amigo o sr. Joaquim Martins de Carvalho. Em Portugal, e em tempo algum, já alguem recebeu em vida, demonstração mais sympathica, mais espontanea e mais significativa do que esta foi. Era um homem do povo glorificado pelo povo com quem e para quem tem vivido e trabalhado sempre; era um cidadão por muitos titulos benemerito a receber a consagração dos seus serviços; um filho querido de Coimbra a ser honrado pela quasi totalidade dos seus conterraneos; era finalmente um caracter portuguezissimo a ser saudado n'um côro unanime de felicitações sinceras por toda a imprensa, pelos ministros, por muitos homens publicos, por os escriptores mais distinctos, por dezenas de associações e por centenares de pessoas de todas as classes e de todos os pontos do paiz.

A banca de trabalho de Martins de Carvalho, uma banca tosca e forte, vergava ao peso dos jornaes que lhe consagravam artigos encomiasticos, dos telegrammas, cartas e bilhetes de felicitação, que n'aquelle dia de toda a parte e a cada momento chegavam á sua modesta habitação da antiga rua das Figueirinhas, hoje rua Martins de Carvalho, por deliberação unanime da camara municipal de Coimbra, tomada na sua sessão de 15 do corrente.

Martins de Carvalho, homem de antiga tempera, a quem nunca amedrontaram as balas dos soldados nem os punhaes dos assassinos, pois uma cousa e outra affrontou com o animo sereno, sensibilisou-se em extremo, taes e tantas eram as provas de sympathia de que era alvo. Todo o dia de segunda-feira foi uma romaria constante para casa do benemerito cidadão; ninguem, quasi ninguem de Coimbra deixou de ir abraçar e felicitar Martins de Carvalho. O cortejo civico organisado em sua honra esteve imponente, manifestação popular superior a esta por duvida se terá presenceado ali.

Nas officinas do *Conimbricense*, enganaladas de damascos e flôres, viam-se as muitas prendas offerecidas n'este [illegible] e ás quaes havia algumas d'um alto valor estimativo, como eram diplomas de differentes associações, verdadeiros primores de typographia e calligraphia impressas ou escriptas em pergaminho. De valor intrinseco tambem havia muitas e valiosas, destacando-se d'entre ellas um serviço de almoço, de prata, primorosamente cinzelado, offerecido pelo sr. conde de Valenças, antigo amigo de Martins de Carvalho, que de Lisboa veio expressamente a Coimbra, a fim de tomar parte nos festejos.

Se foram grandes as manifestações que acabamos de relatar, maior ainda, solemnissima foi a que teve logar á noite no vasto salão da Associação dos Artistas, antigo refeitorio dos conegos regrantes de Santo Agostinho, uma das partes mais magestosas e vastas do antigo convento de Santa Cruz. D'ella fallaremos no proximo numero.

FACTO POLITICO

O sentimento de gratidão não se apagou ainda de todo no espirito italiano e a prova está no seguinte telegramma de Milão de 21 do corrente:

«Os trabalhadores milanenses de 46 sociedades protestaram hontem á noite energicamente contra a guerra em geral e contra a triplice alliança, declarando que no caso de guerra não seguirão o governo italiano. Será enviado um protesto ás sociedades operarias de toda a Italia para fazerem propaganda por todos os meios, e um convite aos operarios francezes para se associarem aos italianos em nome da fraternidade dos trabalhadores.»

A Italia, que deve tudo á França, não póde esquecer-se de que deve o seu engrandecimento áquelle grande paiz. Póde pois affirmar-se que nas questões internacionaes que se agitam, a grande maioria do povo italiano não aprova o procedimento do seu governo, no que respeita ás ligações politicas com a Allemadha, contra a França. E esta circumstancia n'um dado caso póde ser séria para o actual governo de Italia.

NOTICIARIO

Parabens.—Foi hontem o anniversario natalicio do nosso respeitavel amigo e benemerito deputado da nação, o sr. desembargador Castro Mattoso. Sentimos não lhe ter podido dar pessoalmente os nossos sinceros parabens. Damos-lh'os d'aqui muito intima e muito affectuosamente.

Notas da carteira.—Vieram na quarta feira a Aveiro, tomar parte na sessão da junta geral d'este districto, a que são dignissimos procuradores, os nossos illustrados amigos, os srs. dr. Antonio Simões dos Reis e barão de S. João de Loureiro (Oliveira d'Azemeis), Joaquim Ferreira de Castro (Arouca), Hermenegildo Correia de Sá (Feira), Justino de Sampaio Alegre (Anadia), João Luiz Rodrigues (Mealhada), Vasco Marques Valente (Estarreja), e Antonio Braz d'Oliveira e Silva (Vagos).

— Na quinta-feira visitaram-nos os nossos respeitaveis amigos, os revd.os srs. Manuel Barbosa Duarte Camossa, digno abbade de Ovar, e Roberto Gonçalves de Sá, digno abbade de Esmoriz.

— No mesmo dia esteve em Aveiro o nosso velho e illustrado amigo, o sr. dr. Joaquim Augusto d'Almeida Miranda, dignissimo sub-delegado do julgado municipal de Albergaria a Velha.

— Veio na quarta-feira a esta cidade o nosso sympathico amigo, e dignissimo thesoureiro da camara municipal de Estarreja, o sr. Antonio Marianno de Souza Ribeiro.

Partida.—Sahiu para a sua casa da Beira o sr. marquez da Graciosa. S. ex.ª tenciona demorar-se ali algumas semanas.

Regresso.—Regressaram já ao seu solar os srs. condes da Borralha, e seu filho. Os illustres viajantes demoraram-se alguns mezes na America, onde foram visitar a familia da sr.ª condessa, que é d'ali.

Mais.—Regressou do Porto, diz o nosso presado collega da *Soberania*, á sua casa em Bustos o sr. Joaquim Duarte Sereno, que se havia recolhido á casa de saude do medico Almeida, para se lhe fazer a operação de *Lythotricia*, que se realisou com o mais proficuo resultado. O sr. Duarte Sereno vem completamente restabelecido, o que sinceramente estimamos. Toda a freguezia da Mamarroza festeja hoje ruidosamente a chegada do seu prestante e digno conterraneo. Enviamos os nossos sinceros parabens ao sr. Duarte Sereno e a seus bons e dedicados filhos.

Chegadas.—Regressou de Espinho a esta cidade o nosse estimavel amigo, o sr. Simão Monteiro de Carvalho, que vem abrir aqui o seu notavel e bem sortido estabelecimento de modas e confecções.

— Tambem chegou da mesma praia o nosso prestante amigo, o sr. Antonio Antunes d'Abreu e Mello, que vae igualmente montar a sua loja de modas, com um sortimento completo e escolhido.

Incommodo.—Tem estado muito doente a sr.ª D. Justina Cancella de Seabra, esposa dignissima do nosso respeitavel amigo e sogro do sr. presidente do conselho; felizmente aquella illustre e virtuosa senhora entrou já em franca convalescença, o que deveras estimamos.

Doença.—O sr. dr. Eduardo David, digno professor do lyceu de Vizeu, e medico distincto, tem passado ultimamente incommodado com um forte ataque de rheumatismo agudo. Desejamos ao illustre professor promptas melhoras.

Junta Geral.—Reuniu na quarta-feira, sob a presidencia do nosso illustrado amigo o sr. dr. Antonio Simões dos Reis, distincto deputado da Nação, a Junta Geral d'este districto.

Foi lido e unanimemente approvado o relatorio da Commissão districtal, e consignado na acta um voto de louvor á maneira distincta como tem procedido os seus membros, os srs. dr. Barbosa de Magalhães, Visconde de Valdemouro, e dr. Manuel P. da Cruz.

Foi approvado o orçamento ordinario do districto para o anno civil futuro, organisado e proposto pela Commissão districtal.

Por proposta da mesma Commissão, foi supprimido o logar de inspector districtal de serviço de expostos, visto as suas attribuições estarem sendo exercidas pela Commissão Protectora nomeada em sessão de 14 de abril ultimo; foi reduzido de 240$000 reis a 200$000 reis o ordenado de professora profissional do Asylo-Escola; e como isto importava uma reducção de 400$000 reis na despeza com o pessoal, foi augmentado o quadro do mesmo Asylo com mais um mestre de carpinteria e merceneria, e um mestre de musica e canto choral.

Por proposta do digno procurador por Anadia, o sr. Justino Alegre, deliberou-se pedir ao governo que attendesse ás representações das camaras municipaes do districto sobre subsidios para occorrer aos desastres e estragos dos ultimos temporaes.

Tomaram-se ainda muitas outras deliberações importantes, de que opportunamente publicaremos o resumo, e a sessão foi encerrada pelo sr. governador civil em nome de El-rei, depois das 4 horas da tarde.

Misericordia.—Tomou hoje posse a nova commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, nomeada pelo sr. governador civil por alvará de 21 do corrente em virtude da exoneração pedida pela meza anterior, é composta dos srs. dr. Antonio José Rodrigues Soares (provedor), Padre Francisco da Costa Junior (escrivão), Antonio Pereira Junior (thesoureiro), Antonio da Costa Azevedo, Gualdino Manuel da Rocha Callisto, Antonio Antunes de Abreu e Mello, Joaquim Maria Alla, Manuel da Rocha, Manuel José de Mattos Junior, Manuel Antonio Loureiro de Mesquita, Alfredo Maria Cortez Machado, Arnaldo Augusto Alvares Fortuna, Francisco Rodrigues da Graça. A esta nomeação presidiu o pensamento de dar representação de minorias a todos os grupos da opposição colligada.

Real d'agua.—O rendimento d'este imposto em outubro ultimo, n'este districto, foi de 10:296$199 reis. Comparado com igual mez do anno findo foi o augmento de reis 1:384$158. Fizeram-se no mesmo mez 24 tomadias no valor de 158$010. Tão lisongeiros resultados devem-se ao muito zelo do nosso presado amigo, o sr. Antonio Maria Alves da Rosa, solicito commissario da policia fiscal, coadjuvado pelos respectivos srs. escrivães de fazenda.

Orçamentos municipaes.—Já foram submettidos á apreciação da Commissão districtal, que declarou não suspender as deliberações que os approvaram, os orçamentos ordinarios para 1889, das camaras municipaes dos concelhos de Ovar, Anadia, Mealhada e Estarreja.

— Reunem na segunda-feira os quarenta maiores contribuintes do concelho de Aveiro para darem o seu parecer sobre o orçamento ordinario proposto pela camara municipal para o anno civil futuro.

Modas.—Já lá vae a ditosa epoca balnear, e estamos quasi em pleno inverno. As praias, onde tantas delicias fruimos, invade-as uma neblina densa e fria, que nos traz pneumonias em vez de saude—o que é terrivel.

Agora animam-se os grandes centros, reabrem os theatros, enchem-se de luz as sallas. Mas apesar do rigor invernal os passeios tambem se apinhoam de frequentadores galantes.

Veem as geadas, rugem os temporaes, mas o bom sol, radiante e bello, tudo isso espanca, infiltrando-nos n'alma a consolação. E d'esta consolação nasce um subito desejo—*brilhar*; isto é: um intimo prazer de mostrar a esse mesmo sol amigo o luxo e o bom córte dos nossos fatos, a opulencia dos nossos enfeites, o primor, o *chic*, em fim, da nossa elegancia requintada.

Mas vestir com luxo e baratinho, eis o transcendente problema economico ha tanto tempo insoluvel, e só hoje resolvido admiravelmente, graças ao talento financeiro do nosso amigo A. Abreu e Mello. A sciencia sempre foi um bem para a humanidade. E' [illegible] seu estabelecimento situado ás Cinco Ruas, e ver o que por lá vae. Vão-nos os olhos n'aquelles variadissimos artigos de modas. Ficamos prezos, deslumbrados até por um tão fino gosto impresso em todos os objectos. Instinctivamente levámos as mãos aos bolsos, e ao sair de lá trazemos sempre um d'esses objectos primorosos, que nos vae em breve transformar n'um *bijou*.

As solteironas, que ainda sentem o sangue a pical-as, mas que infelizmente a maldita edade atraiçoou, entrando no estabelecimento do sr. Abreu sáem de lá totalmente modificadas. Desgraçado do *penegante* que as vê: cáe logo como um *pato*, e d'ahi a poucos dias já se ouve o abbade da freguezia berrar todos os domingos, á missa conventual, os banhos do *cazorio*.

As novas e gentís, n'essas nem se falla; basta uma fitinha só, um alfinete, um covado de setim, dois metros de musselina, para as tornar umas verdadeiras deuzas vindas do céu á terra martyrisar-nos o coração. Ha menino que ao contemplal-as perde logo a tramontana. E isso tudo por pouco dinheiro.

Mas, gentís e graciosas leitoras, nada de massada. Vão, vão já ao estabelecimento do nosso amigo Abreu e Mello, e certificar-se-hão da verdade.

* *

Theatro Aveirense.—No dia 8 de dezembro proximo, deve realisar-se no nosso theatro uma récita dada por alguns rapazes e damas d'esta cidade, em beneficio da viuva sr.ª D. Maria José Ferreira Monteiro de Campos, a quem o infortunio não tem deixado de perseguir. O espectaculo compõe-se do drama em 2 actos *Amor e Honra*, e das comedias em 1 acto *Por causa d'um papagaio*, *Os dois estudantes no prego* e *Amores de marinheiro*.

O publico aveirense, tão fervoroso sempre em soccorrer os que d'elle imploram, não deixará n'aquella noite de manifestar mais uma vez a sua generosa bizarria, concorrendo ao beneficio de tão desditosa sr.ª, que tão digna é da protecção publica.

Os suicidios.—Está lavrando assustadoramente por todo o paiz a monomania do suicidio, que os nossos collegas aproveitam para descrever minuciosamente. Em tempo levantou-se celeuma na imprensa, e teve curso a propaganda do silencio a tal respeito; mas durou pouco esse pensar, e agora todos os dias os noticiarios vem cheios de mortes subitas e tragicas de muito desgostoso da vida. Um tal furor pela morte, que tantos temem, está horrorisando e pedindo um remedio energico para tamanho mal. Entendemos que a publicidade espaventosa de taes actos de desespero deve ser banida, para não despertar imitações da parte de espiritos enfermos, pois que a egreja deve cumprir as suas leis de rigor contra os que attentam contra a propria existencia, e que a justiça deve tambem castigar e duramente os que escaparem ao suicidio, pois que é um crime de lesa-natureza!

Melhoramento.—Procede-se presentemente ao calcetamento da avenida Bento de Moura.

Candidatos.—São admittidos ás provas escriptas, que devem ter logar ás 10 horas da manhã do dia 5 do mez de dezembro proximo, na direcção telegrapho-postal d'este districto os seguintes candidatos aos logares de primeiros aspirantes do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto, os srs. Antonio Luiz Estevão d'Oliveira, Ayres José de Sousa Braga, José Avelino d'Oliveira e Manuel Guilherme Ribeiro.

Exercicios.—Tem continuado a havel-os no Rocio, tanto de manhã como de tarde, de escólas de cavallaria 10, que manobram a pé e a cavallo, ora com espada, ora com a clavina.

Desamortisação.—No dia 15 de dezembro deve ser arrematado perante o ministerio da fazenda um fôro, pertencente á irmandade do Santissimo da Vera-Cruz, imposto em predio, sito no concelho de Ilhavo.

— No dia 17 de dezembro vae á praça no ministerio da fazenda um fôro, pertencente á confraria do Santissimo de Riomeão, imposto n'um predio, sito no concelho da Feira.

Audiencias geraes.—Terminam hoje. Hontem foi julgado um individuo d'Eixo, accusado pelo crime de roubo, sendo condemnado.

Novidade.—A notavel estudantina de Coimbra resolveu fazer uma visita de cumprimentos aos seus collegas do Porto, nos proximos dias 1 e 2 de dezembro, dando por essa occasião um concerto em beneficio da sociedade philantropico-academica do Porto. A passagem da brilhante e festejada *troupe* academica na estação d'esta cidade é na tarde do dia 30 do corrente.

Movimento commercial.—Tem sahido algum sal pelo caminho de ferro. Promptos a sair barra fóra, com destino ao Porto, estão no ancoradouro 22 navios com carga do mesmo genero. O mar, porém, não se tem prestado a sahidas e isso está affectando gravemente o commercio, porque a demora para alguns excede já o 30 dias de [illegible] no porto.

Remonta.—Os cavallos comprados na feira de Penafiel foram [illegible] restantes para cavallaria 7 [illegible] dade comprada foi relativamente pequena porque o mau tempo dos dias 8, 9, 10 e 11 affastou da feira grande porsão de gado que devia concorrer a ella se o tempo fosse bom.

Estado do mar.—Melhorou um pouco de hontem para hoje, mas não é ainda bom até ao ponto de permittir a sahida de navios e o trabalho de pesca.

Feira da Oliveirinha.—Fez-se este mercado mensal no dia 21, com bastante concorrencia de gado cavallar e suino, effectuando-se importantes transacções.

O tempo.—Teem passado uns dias lindissimos, tirante o de quarta-feira em que o nordeste ventou valentemente.

Reunião politica.—No dia 30 do corrente ha-de reunir-se em Chaves o partido progressista para eleger o novo chefe em substituição do sempre chorado sr. Antonio José Antunes Guerreiro. O convite para essa reunião é firmado pelos srs. José Homem de Souza Pizarro, Agapito José de Carvalho e Luiz Paulino Teixeira.

Captura importante.—Foi presa em Caminha Maria Albina de Jesus, que ha dias estrangulou uma sua filhinha de dois annos, lançando-a depois a um poço, proximo de Vianna. Parece que a desnaturada mãe commettera aquelle crime para poder casar com um soldado de infanteria 3, com quem vivia.

Uma criminosa de treze annos.—Julgou-se agora no tribunal de Aube, França, um crime que póde ser apontado como exemplo da mais monstruosa precocidade. A ré é uma rapariga de treze annos, Marie Doiselet. Entrára, em maio d'este anno, para o serviço da familia Caramanté, que era constituida por marido, mulher e duas creanças. Doiselet era encarregada de tomar conta nos pequenos, um dos quaes tinha apenas seis mezes, e o outro dois annos e meio. A 23 de junho o mais novito morreu subitamente; não houve a menor suspeita, e o enterro fez-se sem exame. Mas no dia 23 de julho seguinte, Luiz Caramanté, o mais velho, morria nas mesmas condições. O facto pareceu extraordinario; e como houvesse suspeita de qualquer acto violento, procedeu-se a exame, e verificou-se que o pequeno fôra victima d'uma asphyxia. Havia todos os indicios d'isso. A pequena Doiselet tinha asphyxiado as duas creanças do mesmo modo, tapando-lhes o nariz e bocca com um lenço, e carregando-lhes no peito até os matar.

Segundo a confissão da propria ré, o mobil do crime foi a preguiça: ha muito que Doiselet queria deixar o serviço dos esposos Caramanté por não querer trabalhar, mas sua mãe não a deixava sair de lá. Então lançou mão d'aquelle horrivel meio para que a pozessem fóra.

Transcripção. — E' do *Jornal do Povo* de 21 a seguinte noticia:

«*Facciosismo.*—Deram alguns jornaes a noticia das offensas corporaes, de que ia sendo victima o sr. dr. Vicente de Souza, na occasião em que entrava em sua casa, referindo ao mesmo tempo que na occasião do attentado foram roubados ao sr. dr. Souza dinheiro, parte da corrente e o relogio. Era isto sufficiente para se perceber que aquella aggressão fôra feita com a mira no roubo. O *Districto d'Aveiro*, porém, capitulou logo o caso de mera vingança politica e attribuiu o attentado aos progressistas. A quanto obriga o facciosismo partidario! Parece, porém, que, apesar de não poderem ter sido reconhecidos na occasião os criminosos, ha esperanças de serem descobertos.»

Invento.—O sr. Guilherme Gomes Fernandes, intelligente e zeloso inspector dos incendios do Porto, inventou uma nova chave, com a qual se póde abrir a tampa das boccas de incendio, a valvula do tubo emissor, as junc̃ções das mangueiras, e os ramaes de divisão. Esta chave, já pelo pouco peso, já pela fórma, é destinada a ser conduzida n'um gancho de carabina, preso aos cintos dos serventes encarregados dos carros de mangueiras. O desenho foi entregue ao sr. Antonio Moreira da Silva, constructor de aprestos para companhias de incendios, que se encarregou da execução.

Despachos de justiça —Verificaram-se os seguintes:

Ignacio Teixeira de Novaes, nomeado para a comarca de S. Vicente.

Adriano Dias, exonerado do cargo de 1.° substituto do juiz municipal do julgado de Gavião, comarca de Niza.

Antonio Joaquim Cordeiro, exonerado do logar de juiz ordinario do julgado de Vimioso, comarca de Miranda do Douro, por haver completado 3 annos de serviço.

Joaquim Augusto da Silva Carvalho, transferido para o officio de escrivão do juizo de direito da 4.ª vara, comarca de Lisboa.

Manuel José Rodrigues, escrivão, transferido para a comarca de Santarem.

João Ignacio de Abreu Vieira, escrivão, transferido para a comarca de Extremoz.

Acacio José Daniel de Barros, declarada sem effeito a sua transferencia do officio de escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Villa Nova de Ourem, para a comarca de Porto de Moz e transferido para identico officio na comarca de Montemór-o-Novo.

Francisco Augusto de Serra e Moura, escrivão e tabellião, transferido para Porto de Moz.

Antonio Francisco Padinha Dias, escrivão e tabellião em Povoação, transferido para identico officio na comarca da Fronteira.

Romão Libanio da Silva, nomeado para o officio de tabellião de notas do supprimido julgado de Azeitão, comarca de Setubal.

Raphael Manuel Pinheiro Guião, juiz de direito para a ilha do Pico.

Francisco Nunes Costa Torres, idem, nomeado sub-delegado do procurador regio na comarca de Villa Verde.

Antonio Silva Peixoto, idem, exonerado do logar de sub-delegado do procurador regio de Penafiel.

Francisco da Fonseca, idem, exonerado do logar de juiz ordinario do julgado de Trancoso.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

Presbytero Antonio Ayres Pacheco, apresentado em um canonicato da Sé cathedral do Funchal com onus de ensino.

Presbytero Manuel Correia de Figueiredo, apresentado em um canonicato da Sé cathedral do Funchal com onus de ensino.

Presbytero João Joaquim Pinto, apresentado em um canonicato da Sé cathedral do Funchal.

Presbytero Antonio do Valle dos Santos, parocho collado na egreja de S. Miguel de Masmouros, diocese de Vizeu, apresentado na egreja parochial de S. Martinho de Reriz, concelho de Castro Daire, da mesma diocese, com onus de ensino.

Ordinando José Jorge de Oliveira Junior, provido na thesouraria da egreja de S. Vicente Martyr de Villa Franca de Xira, diocese de Lisboa.

Presbytero Joaquim Martiniano de Azevedo, parocho collado na egreja de Santa Maria de Villa Nova das Infantas, diocese de Braga, apresentado na egreja de S. Silvestre da Requião, concelho de Villa Nova de Famalicão, da mesma diocese.

Presbytero Francisco Xavier de Sousa Carneiro, parocho collado na egreja de S. Martinho do Campo, diocese do Porto, apresentado na egreja do Salvador do Lordello, concelho de Paredes, da mesma diocese.

Presbytero Manuel José Alves, parocho collado na egreja de S. Julião de Paçô de Vinhaes, diocese de Bragança, apresentado na egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Carvicões, concelho de Moncorvo, da mesma diocese.

Presbytero Pedro de Alcantara, parocho collado na egreja do Salvador das Alcaçovas, diocese de Evora, apresentado na egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Villa de Grandola, diocese de Beja.

Presbytere Joaquim Continho de Sousa, parocho collado na egreja de S. Martinho Alvendre, diocese da Guarda, apresentado na egreja de S. Miguel de Gemeos, concelho de Celorico de Basto, diocese de Braga.

Presbytero Manuel Frederico de Almeida, apresentado na egreja de Nossa Senhora da Conceição da Egreja Nova de Payalvo, concelho de Thomar, diocese de Lisboa.

Presbytero Antonio Ignacio da Costa e Silva, apresentado na egreja de S. Miguel de Milheiroz de Poiares, concelho da Feira, diocese do Porto.

Presbytero José Rebello Cordeiro, apresentado na egreja de Nossa Senhora da Saude dos Arrifes, concelho de Ponta Delgada, diocese de Angra.

Presbytero Antonio Ayres Pacheco, apresentado em um canonicato da Sé Cathedral do Funchal, com onus de ensino.

Presbytero Joaquim José de Castro, apresentado na egreja de Santo Amaro, concelho de Fronteira, diocese de Evora.

Presbytero Custodio José Tavares, apresentado na egreja de S. Pedro de Almargem do Bispo, concelho de Cintra

Presbytero Joaquim Aves Maio, apresentado na egreja de S. Mamede de Bustello, concelho de Amarante, diocese do Porto.

Presbytero João Antonio da Rocha, apresentado na egreja de Nossa Senhora do Monte das Duas Egrejas, no concelho de Miranda do Douro, da mesma diocese.

Presbytero Francisco Dias Bernardo, provido na thesouraria da egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Procnça a Nova, na diocese de Portalegre.

As creanças e as escolas.—A'cerca do muito tempo que estão sentadas as creanças nas escolas ou collegios, escreve o celebre medico e professor de Munich, Nussbaum, o seguinte:—Se ao grande esforço que fazem hoje as creanças se juntar uma alimentação insufficiente, depressa perderão a saude. Tenho a convicção de que o estarem muito tempo sentados os alumnos nas escolas, e principalmente o estudarem muito de noite em suas casas, os torna rachiticos, miseraveis no corpo e na alma. Enganam-se muito os que julgam que uma creança apprende mais em oito horas de estudo que em quatro. Póde isto dar-se com alguns moços que estejam muito desenvolvidos; mas a maior parte d'elles emmudecem de tal sorte com o estudo continuado, que se lhes torna muito lenta e tardia a faculdade de comprehender. Tenho notado que as creanças depois de estudarem oito horas pensam muito mais tempo para poderem comprehender, e que a resposta que dão é a mesma que poderiam ter dado depois da primeira hora de estudo. Irritações cerebraes, rostos cadavericos, olhos faltos de expressão ou vivacidade, myopias, convulsões, dores de cabeça, hemorrhagias nasaes e outros muitas doenças são para nós, os medicos, o resultado do tão continuado esforço a que são submettidas as creanças. A gymnastica, apesar da sua reconhecida importancia, não póde offerecer meio algum de salvação. Julgava-se que a força muscular, por meio da gymnastica, ministrava ao cerebro congestionado uma especie de contrapeso capaz de o compensar; mas a experiencia ensina que a perturbação do cerebro não se cura com o augmento de força dos musculos. As creanças [illegible] das prejudica-as tanto mais a gymnastica quanto maior é a falta de alimento. Para isso só poderia servir o limite do tempo de ensino.

Novo systema de ensaio para o ouro.—O dr. Antonio Cazimiro da Costa, distincto ourives e notavel ensaiador da cidade de Braga, apresentou ao sr. director da Casa Moeda, um novo processo de ensaio das obras de ouro, tendente a evitar a morosidade que se nota nas repartições de contrastaria, para a verificação dos artefactos que ahi são legalisados, e ao mesmo tempo acabar com as hesitações que os praticos encontram nos ensaios visuaes pela aproximação dos toques. O sr. conselheiro Augusto José da Cunha, prestando a devida homenagem á utilidade do novo processo, convidou o seu inventor a fazer no laboratorio da Casa da Moeda a demonstração pratica do novo systema, assistindo a essas experiencias todos os ensaiadores d'aquelle estabelecimento, o director da repartição da contrastaria de Lisboa, e dois ourives d'esta capital. As experiencias deram o resultado satisfatorio, e todos os assistentes ficaram convencidissimos das enormes vantagens que advirão do novo processo de ensaio, logo que seja adoptado nas repartições de contrastaria. Funda-se o novo systema, no facto de serem menos atacaveis pelo acido nitrico, as ligas de theor superior, ao passo que nas medias, a differença é extraordinaria, e torna-se evidente ao ensaio visual com um desvio de 5 millessimas. Partindo d'este principio, e reconhecendo que, com os acidos graduados se tornavam visiveis e sem contestação os toques entre 685, 690 e 695 millessimas, ao contrario do que succede presentemente, com as ligas para 800 millessimas, addicionou prata para descer o granito ao toque em que o ensaio se faz mais concludentemente. Para estas operações, e no intuito de facilitar os calculos, elaborou o sr. Costa uma tabella para os diversos pesos sobre que deverá incidir o ensaio, o que é de incontestavel vantagem não só para o ourives fabricante, mas principalmente para o ensaiador. Com este processo evita-se a repetição dos ensaios por copellação, os quaes demandam muito tempo, e tornam mais demorado o serviço nas contrastarias. Ao sr. Cazimiro da Costa enviamos os nossos sinceros parabens pelo seu novo invento, e pelo relevantissimo serviço que com elle vae prestar á ourivesaria nacional, e estamos plenamente convencidos de que o director da casa da moeda, dispensará todo o seu apoio para que o novo processo seje introduzido em todas as repartições de contrastaria.

A luz e a saude.—A luz é um factor importante da conservação da saude. Diz um proverbio italiano: onde não entra o sol, entra o medico com frequencia. Nas plantas, a luz origina a producção da chlorophylla, materia solida e corante que lhes dá a côr verde. Subtrahi-la á acção da luz, o tom verde desapparece e a planta emmurchece e morre. Nos animaes, sob a acção da luz, a quantidade de globulos de sangue augmenta e a vida adquire por isso maior energia. Portanto convém que as habitações tenham o numero preciso de aberturas para dar ingresso á luz, conseguindo-se d'este modo a ventilação, a purificação do ambiente, a renovação do ar, etc. A falta d'estas condições torna perigosas e insalubres as casas de habitação, occasionando muitas doenças, entre as quaes se contam com frequencia as febres typhoides e as tuberculoses pulmonares.

Origem do petroleo. —Emittiu o professor Mendeleef uma opinião nova sobre a origem do petroleo. Julga-a elle confirmada pelo facto de ter produzido artificialmente petroleo nas mesmas condições em que suppõe tel-o produzido a natureza. A caracteristica do pensamento d'aquelle sabio é que a producção do petroleo será constante, e que nenhum fundamento tem a crença de que estejamos exgotando depositos que pódem ter levado seculos a formar-se. E' esta a hypothese do professor: As aguas que penetram no interior da terra por toda a casta de fendas vão-se introduzindo até se porem em contacto com carbonetos metallicos, especialmente de ferro, que se acham em estado de incandescencia nas entranhas do globo. Este contacto decompõe os elementos da agua e a converte em gaz hygrogenio carbonado e em oxygenio, o qual, unindo-se ao ferro, o oxyda, emquanto o carboneto fica em parte no estado gazoso e sai quando acha por onde. E' este o gaz natural que se encontra na America em tanta abundancia. A outra parte condensa-se, passando ao estado liquido, e fica depositada até se extrair por bombas ou por emanação, se o deposito está em condições de altura proporcionaes á sahida, como acontece nos poços artesianos. Os terrenos em que se encontra o oleo acham-se nas proximidades das cordilheiras de montanhas, e é de suppor que, quando estas se levantaram, o terreno se deslocou até uma profundidade bastante grande para dar logar á agua ao chegar a pontos onde nas condições ordinarias se não suppõe que exista.

O commercio das mulheres. — Trafico de brancas em Constantinopla. — Um correspondente da *Nova Imprensa Livre* transmitte a este jornal as seguintes informações relativas ao trafico clandestino de mulheres brancas, em Constantinopla. Diz elle:

«Não se passa uma semana, sem que chegue um novo carregamento de mulheres. A maior parte pertence a familias pobres da Galicia, e que se deixam conduzir á capital ottomana, seduzidas pela promessa d'uma boa posição ou d'um casamento rico.

Havia muito que os consules de todas as potencias não perdiam de vista o miseravel negociante de mulheres, embarcar a sua mercadoria em Stamboul.

Mas afinal descobriu-se que o patife se limitava a descer, com a carga, ao abrigo dos olhares indiscretos dos europeus, até Kawak, onde está a estação turca de quarentena no Bosphoro. E' ahi que elle desembarca com as mulheres, seguindo depois para Constantinopla, pelo caminho de Buigerkderé. Ninguem se importa com aquellas desgraçadas, a quem só a intervenção estrangeira poderia valer. O seu *proprietario* inaugurou verdadeira Bolsa, em que negoceia como com simples titulos ao portador. O preço da *mercadoria do corsario* como aqui lhe chamam varia entre 30 a 50 libras turcas, isto é, 144 a 240$000 reis. As desgraçadas são expedidas, bem guardadas, para Smyrna, Alexandria e Cairo. Os corsarios usam nas suas correspondencias telegraphicas uma linguagem convencional. *Ahi mando tres duzias de colheres de prata*, significa mulheres de primeira qualidade. *Remetto cinco medidas de farinha*, refere-se á segunda qualidade e para a terceira e ultima qualidade empregam, *oito saccos de batatas*». E aqui teem os leitores o que vae d'immoralidade por esse mundo fóra.

Noivos originaes.—Em uma povoação do Algarve deu-se ha dias o seguinte engraçado caso:

Apresentaram-se ao prior da freguezia, para se receberem por marido e mulher, dois jovens, acompanhados por um numeroso cortejo. Tanto a noiva como o noivo pareciam impacientes porque se realisasse o casamento, quando appareceu o sacerdote, que começou logo as devidas cerimonias. Os noivos approximaram-se do reverendo padre, e quando este, para cumprimento das formalidades, perguntou á noiva:

— Se era contente em receber o noivo por seu marido, respondeu redondamente:

— Não senhor!

Grande balbardia na egreja; ao noivo cae-lhe o beiço; os circumstantes retiram fazendo mil commentarios diversos; e as familias dos nubentes entram em novas explicações. Perguntando-se á noiva a razão da sua recusa, respondeu ella:

— Eu não recuso. Pelo contrario, tenho muito gosto, mas tive vergonha em dizer—sim—logo á primeira vez. Estava á espera que teimassem commigo! Como fosse só esta a razão da recusa, voltam todos outra vez para a egreja, e chamam o prior; põem-se todos a postos, e chegada a occasião pergunta o prior:

— A senhora quer receber o snr. F... por marido?

— Sim, senhor, diz ella muito promptamente.

— E o sr. F... quer receber a sr.ª D. F.... por sua mulher?

— Não senhor, diz elle.

A noiva desmaiou ao ouvir isto.

Novas exclamações, novos commentarios, nova sahida da egreja, e ainda novas perguntas ao noivo,

— Disse que não, respondeu o cabeçudo noivo, porque jurei que me havia de vingar do que ella me fez.

Novamente entram em negociações e resolvem voltar á egreja.

Apparece o prior, repetem-se as perguntas, e ambos os noivos dizem que sim, com os modos mais alegres e prasenteiros.

—Pois agora digo eu que não! responde o prior. Façam favor de voltar cá outra vez.

E, effectivamente, só no dia seguinte é que casaram.

OS PROCESSOS DE OPPOSIÇÃO

E' da *Provincia* o seguinte artigo:

Com as ideias do nosso muito presado collega estamos plenamento d'accordo.

Bom é que todos se convençam de que este estado de cousas é positivamente impossivel. Deturpar a verdade, infamar a todos os que não commungam nas suas ideias é o trabalho constante d'uma certa impressão, que é nada menos que a deshonra do paiz e das instituições.

«O publico já vae percebendo muito bem e muito claramente, como em Portugal se faz politica, e sobretudo como se aggridem os governos. Para as opposições, os ministerios são sempre grandes reservatorios latejantes de immoralidade e pouca vergonha, d'onde, por sete secretarías, como por sete boqueirões, escoam para o paiz caudaes devastadoras reduzindo-o á fome e á miseria. Não ha um acto só que mereça louvor ou applauso, não ha um plano ou proposito que atravesse immaculado a critica. Tudo é incapacidade ou maroteira. Os ministros, porque o são, revestem logo as mais extraordinarias qualidades: a imbecilidade ou a patifaria são os seus especiaes attributos.

Assim andamos, ha muito tempo, n'uma improba tarefa de descredito mutuo, enxovalhando e emporcalhando toda a gente. Não se admittem excepções. E tambem não é preciso tratar das cousas, basta visar as pessoas. Para as deprimir, as opposições julgam-se no direito de lhes negar todos os sentimentos elevados e todos os dotes intellectuaes ainda os mais evidentes e incontestaveis.

Por isso, os alaridos da imprensa, a pesar de todos os exageros e de todas as *trucs*, passam desapercebidos no ar, em que com elles se impressione o espirito publico já cunhecedor do fingimento. A ira é postiça, a indignação é simulada: reaes e verdadeiros são apenas o desejo do mando e a fome do poder.

A natureza da força que anima os luctadores, traduz-se na carencia absoluta de escrupulos. Os mais elevados interesses economicos, como são os que andam indissoluvelmente ligados á industria e á lavoura, e o bom nome da nação, preso ás negociações diplomaticas, tudo serve de *chair à plaisir* para a libertinagem da critica opposicionista.

O *Dia* recebido hoje castiga com merecida severidade os alarmes patrioteiros, levantados pela opposição, a proposito do convite que o governo allemão dirigiu ao portuguez para cooperar na repressão do trafico de escravos em Africa.

Reproduzindo em seguida esse artigo, o nosso proposito é, como naturalmente foi o do seu auctor, protestar contra essa falsa susceptibilidade patriotica, que representa tudo quanto póde haver de mais opposto ao verdadeiro sentimento da dignidade nacional.

—

A TRISTE HUMILHAÇÃO!

Quando os phrenesis da opposição lhe esquentam o sangue, o indigena, monarchico ou republicano, sente uma ineffavel voluptuosidade em clamar, a proposito de qualquer incidente das relações estrangeiras, que o paiz foi humilhado e coberto de vergonha, e que nas faces sulcadas de cicatrizes do velho Portugal estalaram bofetadas! As pessoas de bom senso não dão fé de terem ouvido o menor estalo, e olhando para as taes faces esbofeteadas não descobrem n'ellas vergões nem vermelhidão; mas os susceptiveis patriotas nem por isso descontinuam de fazer, do supposto ultrage, o alarde que o verdadeiro brio não faria nem de honras e glorificações. Assim formamos nós mesmos, e lançamos a circular por esse mundo fóra, uma lenda de depressão e de ignominia nacional, que naturalmente encontra quem lhe dê credito, pois que os seus editores são os portuguezes, que deveria n occultal-a ainda que ella fosse uma realidade triste! E quem nos julgará honrados e quererá honrar-nos, se nós proprios inventamos e propalamos a nossa falsa deshonra?

As negociações diplomaticas relativas á repressão da escravatura já estão servindo de pretexto a esta aberração do senso commum e do pundonor: já ahi se apregoa a 10 réis a *Triste humilhação!* Mas humilhação em que? humilhação, porque? Os berradores desatinados importam-se lá com porquês! Elles não conhecem os termos em que a Allemanha e a Inglaterra pediram a cooperação de Portugal, ignoram as clausulas d'essa cooperação, não viram as notas recebidas e expedidas, não sabem o estado presente das coisas, desconhecem as intenções e as deliberações do governo; esta somma de ignorancias, porém, que ao menos lhes deveria recommendar discripção, não lhes dispersa escrupulos de arrastarem pela lama, na sua rhetorica óca, o decoro da patria!

A's escuras como estão podiam, ao menos, ter o criterio facil de apreciar a situação de Portugal pelas das outras nações a quem os governos de Londres e Berlim se dirigiram egualmente a avaliarem pelos pedidos e convites que lhes fizeram os que nos fizeram a nós, e pelo que essas nações lhes concederam o que nós podemos conceder sem desaire; mas nada d'isso fizeram. E sabem porque o não fizeram? Porque não poderiam então proclamar a humilhação de Portugal sem apregoar ao mesmo tempo a humilhação maior da França, e repugna-lhes mais enxovalhar uma republica, pois que são republicanos, do que enxovalhar Portugal, apesar de serem portuguezes!

Ora venham cá. Porque fomos nós humilhados? Porque a Allemanha e a Inglaterra se nos dirigiram ambas, embora não collectivamente, o que deu o caracter de intimação ao seu pedido? Pois dirigiram-se exactamente nas mesmas condições á França. Porque nos pediram que concorressemos para a efficacia do bloqueio das costas de Zanzibar, vigiando tambem as costas visinhas da provincia de Moçambique? Pois á França pediram mais, pediram para elles, allemães, para elles, inglezes, o direito de visita aos navios com bandeira franceza! Porque o facto de nos convidarem a vigiar o nosso littoral significou que duvidam do zelo com que as auctoridades portuguezas perseguiam os traficantes de escravos? Pois contra as auctoridades francezas de Madagascar insinuaram claramente que ellas concediam cartas de nacionalisações aos *dhows* arabes, para a seu salvo, se empregarem no commercio da escravatura. Se, pois, a Allemanha e a Inglaterra nos humilharam, mais humilharam a França, e tanto mais quanto para nós essas duas nações só representam allianças e amisades, ao passo que aos olhos da França uma d'ellas é o inimigo victorioso e provocante, a outra é o rival de seculos, talvez inimigo de ámanhã.

Mas a França, exemplo de brio cavalheiroso, julgou-se porventura humilhada? Não vimos nos *Debats* de lá accusada e denunciada, como cá, a *triste humilhação*, e o governo francez em vez de repellir os convites e os pedidos que lhe eram feitos, foi presuroso em testemunhar o seu desejo sincero de cooperar na empreza humanitaria iniciada pelos allemães. Concedeu o direito de visita, embora nos termos strictos em que o admitte o direito internacional maritimo, e mandou navios de guerra seus vigiarem os *dhows* arabes nacionalisados em Madagascar. *Humilhou-se* por isso?

Os benaventurados republicanos portuguezes não terão a coragem de attribuir uma quebra de brios á grande Republica; reservam essa amabilidade unicamente para os seus compatriotas, para o seu paiz! A França, admittindo que os marinheiros allemães fizessem parar sob a ameaça da sua artilheria navios em cuja pôpa tremúla a bandeira tricolor, foi, no entender d'elles, prudente, generosa, magnanima; nós, limitando-nos a impedir que o trafico de escravos, perseguido na costa de Zanzibar, se refugie na costa de Moçambique, sómos cobardes e cobrimos-nos de vilipendio! E porque esta differença de apreciação? Porque a França é republicana, e o governo de Portugal é monarchico!

Mas o que fariam os republicanos [illegible] se governassem? Diriam á Allemanha e á Inglaterra que estavam no seu direito de consentir a escravatura nos territorios portuguezes, e não admittiam que estrangeiros se metessem no governo da nossa casa? Sim, o que fariam esses eximios patriotas, esses espelhos de pondunor, esses campeões da dignidade nacional? Respondam por mercê! Respondam, se são capazes, para rematarem com uma babozeira a iniquidade das suas acusações! Devem-nos uma indemnisação de riso pela indignação que nos causaram!

COLHEITA DE 1888

Contra o que se esperava, a colheita de vinho n'este anno é muito mais abundante no Douro de que a passada. Concorre para isso não só o melhoramento das propriedades tratadas contra a phylloxera, mas as condições especiaes do anno, que não pareciam muito auspiciosas durante o verão, que foi fresco em demazia para que a maturação dos fructos se fizesse normalmente. O calor veio tarde, mas ainda a tempo de se recuperar o perdido com a baixa temperatura dos mezes de julho e agosto.

Se a maturação se não póde dizer perfeita em todas as altitudes, com certeza se conseguiu nos sitios quentes, e por isso a uva fundiu perfeitamente, dando uma producção satisfatoria. Em toda a parte a colheita foi abundante; nos sitios onde a lia foi extraordinaria em 1887, no anno corrente foi um pouco menor; onde aquella não foi tão abundante no anno passado, foi no actual excepcionalmente copiosa; e no Douro finalmente é a maior, que tem havido desde 1883, ultima de importancia que deve assignalar-se. Ainda não póde apreciar-se bem a qualidade, mas a não ser a falta de corpo, apresenta-se aquella muito regular e em partes superior á de 1887. Parece que o Douro vai convalescendo da gravissima enfermidade que o prostrou; essa convalescença fica porém excessivamente cara, e por isso, embora um pouco mais favorecido na producção, o Douro não póde sahir do seu quebranto com preços baixos no seu vinho. Parece que está já ameaçado d'essa nova calamidade, e n'este caso o augmento de producção não deixará este paiz em condições mais vantajosas.

Vê-se pois que a questão do Douro não está ainda em via de resolução, e que as suas reclamações, feitas na epoca da maior escassez, eram bem fundadas, porque não se referiam só ás condições do momento, mas ás de sempre. E com effeito a questão do Douro estará sem resolução, emquanto se não tomar uma serie de providencias, que garanta ao vinho um preço que torne possivel o grangeio. Por ora o que se apresenta é sempre desfavoravel. Até a ultima lei do recrutamento veio animar mais a emigração, o que é nova calamidade. N'este paiz accumulam-se as leis de recrutamento e de organição de exercito e marinha, e nunca se esteve peior preparado para isso a que póde destinar-se o exercito e a armada. O que se tem conseguido é augmentar enormemente a despeza; e chegam as cousas a um ponto tal que occorrendo uma vaga no generalato, como succedeu ha pouco, não se preenche com outro general, mas logo com meia duzia d'elles. De resto nem soldados, nem regimentos, nem exercito; mas tudo o que se legisla é para augmentar despezas e impostos e afugentar gente do paiz.

Se o Douro ás difficuldades da producção vê acrescer a falta de braços e a baixa dos preços, então é escusado pensar no seu restabelecimento; porque para luctar contra as epiphitias são necessarias quantias avultadas e abundancia de operarios.

Olhem os proprietarios do Douro pelos seus interesses, e em perfeita união representem aos poderes publicos. No anno seguinte haverá eleições geraes. Façam elles significar a sua vontade, elegendo deputados, que não sejam os indicados da secretaria do reino, donde vem a lista dos ministeriaes e da opposição, ultima palavra do systema eleitoral portuguez aperfeiçoado, mas sim aquelles que derem garantias de bem servir a provincia e o paiz. Não se trata de formar um partido agricola, como se disse que o tivera em vista o congresso de fevereiro em Lisboa. Não póde haver partidos agricolas; mas o que póde é haver deputados que tenham por principal objectivo sustentar os interesses da agricultura, impondo-os a todas as situações politicas.

CONDE DE SAMODÃES.

CARTA DE LISBOA

22 DE NOVEMBRO DE 1888.

Reuniu ante-hontem á noite a Associação de agricultura portugueza em sessão extraordinaria, como estava annunciado. Presidiu á assembléa o sr. D. José Saldanha que expoz os fins da reunião, e depois de largos desabafos e gene alidades sobre a decadencia da agricultura portugueza, entrou-se finalmente na ordem do dia—epoca e organisação do futuro congresso agricola. Decidiu-se que o futuro congresso se inaugure no dia 10 de janeiro, e que os assumptos a discutir n'esse congresso sejam com exclusão de quaesquer outros, os seguintes:

Trigos e farinhas, vinhos, alcools e aguardentes, azeites, lãs, impostos, Recrutamento, tarifas e serviços de caminho de ferro—tudo assumptos importantes. Nomeou-se uma commissão para estudar estes assumptos e formular as theses que hão-de ser sujeitas á apreciação do congresso, que ficou constituida pelos corpos gerentes da associação e delegados de centros regionaes que queiram agregar-se-lhe, assim como dos socios que os corpos gerentes convidarem para esse fim, podendo todavia a comissão deliberar com 7 membros. Em seguida foi lido o officio do ministro da fazenda para o estabelecimento de uma ou mais fabricas de [illegible] nacionaes, com auxilio do governo, sendo logo posto á discussão. Foi n'estas alturas que alguns dos delegados, cuidando menos das necessidades, da agricultura do que dos seus interesses politicos, se pronunciaram contra a proposta do governo, ora affirmando que o officio não devia ser discutido porque o fim da reunião era outro, ora allegando que a proposta era inacceitavel porque os lavradores não tinham capital, nem que o tivessem, deviam intrometter-se em explorações da industria fabril. Como se vê, as allegações dos srs. visconde da Ribeira Brava e Leonardo Torres não passam de desculpas de mau pagador, porque nem todos os lavradores são os pobresinhos que se inculcam, nem é necessario que elles sejam farinadores praticos para montarem a empreza, nem devem receiar a concorrencia das fabricas existentes desde que a protecção do Estado os colloca em melhores condições, nem a antecipação de fornecimento de trigos estrangeiros pelas fabricas actuaes é argumento sério que se apresente contra o estabelecimento da empreza. Mas a discussão sobre este ponto torna-se ridicula, desde que o sr. visconde da Ribeira Brava, tendo se sempre diante dos olhos a maldita politica e a sombra fatal do sr. Isidoro de Sousa, põe a questão no terreno escorregadio do interesse partidario chamando ao officio *uma trica, uma pirraça* do snr. *Marianno de Carvalho*, e desde que o sr. Leonardo Torres, lavrador *inpartibus infidelium*, assevera por entre berreiro sem eccо, que o ministro da fazenda o que quer é *moer o congresso, os agricultores e o paiz!* Felizmente, a grande maioria dos delegados não vae por esse caminho falso e perigoso do despeito e da berrata partidaria, e applaude sinceramente as palavras do sr. Pinto Cselho que põe a questão nos seus termos mais honrados, tratando-a sob o ponto de vista dos interesses do paiz, fazendo justiça aos intuitos do governo e propondo por entre applausos que a proposta seja apreciada pela commissão dos corpos gerentes e de accordo com o governo se trabalhe n'uma proposta definitiva para ser presente á deliberação do proximo congresso. A assembleia assim o resolveu importando-se pouco com os dichotes do sr. Leonardo Torres, com a *greve do imposto* recommendada pelos agrarios de Beja e muito menos com as berrinchas eleitoraes do sr. visconde da Ribeira Brava a pregar o seu sermão agricola em todos os pulpitos para metter ferro ao sr. Isidoro de Souza.

Ia-me esquecendo de dizer que na reunião de ante-hontem nenhum delegado teve a estravagante ideia de exigir do governo, sob pena de *nem mais um real de imposto*, a execução das deliberações de congresso, até 31 de janeiro. Valha-vos ao menos esta consolação.

— Os jornaes da republica *Debates* e *Democracia* affirmam que somos inexactos quando affirmamos que as viagens da familia real, tanto no paiz como no extrangeiro, não custaram um real do thesouro publico. Esperamos que os ditos jornaes nos provem, com argumentos e não com palavriado, onde e como faltamos á verdade. Não é só dizer que dissemos e desdissemos, que nada podemos saber porque o sr. Marianno não faria ninguem confidente d'estas coisas, e que as festas do casamento do Principe custaram ao thesouro 2:000 contos. Se alguem mente, é quem affirma o que não sabe e não póde provar.

— O *Diario Popular*, diz o *Correio da Noite*, transcreve a local que hontem publicamos sob a epigraphe—*A verdade acima de tudo*—e accrescenta:

«Confirmariamos, se confirmação precisassem, as declarações do *Correio da Noite*. Bem sabemos que uns espertos para enganar a massa dos parvos chegam a espalhar que do thesouro sairam centos de contos de reis para despezas das alludidas viagens. Suppôr que do thesouro podem sair centos de contos ás escondidas e illegalmente, é tão absurdo, que nem os proprios especuladores o acreditam. Apenas o dizem para enganar idiotas. Mas ha um meio facil de todos se desenganarem. Vão abrir-se as côrtes. Que os deputados republicanos peçam quantos documentos quizerem, e, se lhes parece melhor, que vão á thesouraria é á contabilidade examinar todos os documentos de despeza. Bem sabem que o sr. ministro da fazenda lhes declarou na sessão passada, que poderiam examinar os documentos sempre que lhes approuvesse. Porque não aproveitam essa faculdade?»

— O *Diario do Governo* publicou o seguinte aviso:

«Convindo que na secretaria d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça exista uma relação dos candidatos á magistratura judicial que desejem ser propostos para os logares que forem vagando de vogaes dos tribunaes administrativos, são, em virtude de resolução superior, convidados os bachareis que se julguem comprehendidos na disposição do artigo 269 do Codigo Administrativo, a apresentarem na direcção geral dos negocios de justiça os seus requerimentos para aquelle fim, devendo especificar os districtos que pretendam.»

— Ante-hontem, pela manhã, Carolina da Assumpção, moradora na rua do Sol a Santa Catharina n.° 5, 1.° andar, foi assistir a uma festividade ao convento das Trinas, que ultimamente costumava frequentar assiduamente. Confessou-se e ouviu a missa muito socegada; quando acabou de receber a communhão caiu sem sentidos. Houve grande alarme na egreja, dentro em pouco a desgraçada voltou a si, mas com a razão completamente perdida, predominando n'ella a monomania religiosa. Conduzida n'um trem ao governo civil, foi ali examinada pelo sr. dr. José Isidoro Jorge, que mandou dar-lhe entrada no hospital de Rilhafolles. Carolina da Assumpção não é feia, tem 28 annos, e não tem familia em Lisboa; é protegida por um commerciante das proximidades do Aterro, que lhe fornece os meios de subsistencia. Os visinhos são unanimes em affirmar que a infeliz rapariga nunca deu indicios alguns de alienação mental, o que torna ainda mais lamentavel esta repentina desgraça.

— Dois operarios do caminho de ferro e que trabalham nas obras da nova linha de cintura proximo a Chellas, João Moraes e José Ramos, tiveram uma questão com o guarda que vigia o material. Depois de palavras trocadas, para se vingarem, foram cortar as espias d'um engenho que ali trabalha, a que os operarios dão o nome de *bate-estacas* e que está sob a vigilancia do mesmo guarda, com o fim de que se acontecesse algum desastre o tornarem responsavel pela morte dos trabalhadores que fatalmente seriam victimas. Esta manobra foi vista pelo guarda e pelo capataz, que deram immediatamente parte á direcção da companhia e á policia, que marchou para o local, conseguindo capturar os dois criminosos. Os trabalhadores commandados pelo capataz João Campante e pelos operarios Jacintho de Oliveira, José Luiz, Manuel da Costa, Manuel Nunes e Antonio Joaquim fizeram greve, mas amedrontados com a ameaça do chamamento d'uma grande força, socegaram. Os presos estão incommunicaveis nos calabouços da 1.ª divisão e os cabeças de motim foram despedidos pela companhia.

— O sr. Bento da França acaba de publicar um livro intitulado *Subsidios para a historia de Macau*.

— O sr. Anahory, um moço muito conhecido em Lisboa e Coimbra, onde fez os seus estudos, e pertencente a uma distincta familia da colonia israelita, vae requerer ao sr. cardeal patriarcha para ser admittido no gremio catholico, afim de poder casar com uma senhora muito conhecida em Lisboa e que professa a religião catholica. E' edificante o acto.

— Deu na quarta-feira entrada no hospital de Rilhafolles, Manuel José Datos, o *Gago*, que matou o *Olho verde* ás facadas, na rua do Oiro, matando o cunhado.

— No concelho de Campo Maior é tal a quantidade de vinho da presente colheita, que se está vendendo por um preço diminutissimo em relação á sua optima qualidade. São sempre excellentes os vinhos n'aquella localidade, devido ao esmero e accio com que são fabricados. Os proprietarios estavam desanimados com a falta de compradores, mas actualmente vão-se animando por ter attingido já uma pequena elevação de preço, que regula por 500, 550 e 600 reis cada 20 litros.

— De Manteigas á Serra da Estrella vão ser construidos elevadores mechanicos e tramways. A camara de Manteigas concedeu para esse fim terrenos, leito d'estradas e corrente d'agua, por 99 annos, ao sr. Guilherme Telles de Menezes.

— A epidemia da variola progride extraordinariamente em Alemquer.

Y.

COMMUNICADOS

NECROLOGIO

Na avançada edade de 81 annos, e na sua casa de Paredes, d'este concelho de Penacova, falleceu no dia 14 do corrente, após dolorosos soffrimentos, a ex.ma sr.a D. Maria do Espirito Santo d'Almeida e Sousa, viuva do illustre e illustrado cavalheiro o ex.mo sr. David Ubaldo de Sousa Leitão, varão probo e um dos mais prestantes d'este concelho.

Era a fallecida senhora dotada de um coração generoso, e de todas as virtudes que tornam digna de admiração e respeito a mulher que comprehende a posição social em que a Providencia a collocou.

Irmã carinhosa, esposa solicita e dedicada, mãe extremosa e exemplar, a ex.ma sr.a D. Maria do Espirito Santo d'Almeida e Sousa era o typo d'aquella mulher forte, de que nos falla a Escriptura, cuja candeia se não extingue durante a noite, e que, comprazendo-se das suas obras, espera a paz da vida futura.

A' ex.ma familia da illustre finada em geral, e em especial aos nossos bons e estimados amigos o ex.mo conselheiro sr. Alipio d'Oliveira Leitão e o ex.mo delegado do procurador regio em Aveiro sr. Alberto de Sousa Leitão, acompanhamos no sentimento pelo golpe que os compunge.

Farinha Podre 17 de novembro de 1888.

João Gama Corrêa da Cunha.

SECÇÃO AGRICOLA

RHODODENDRON ARBOREUM

Apesar das novas especies d'este importante genero—bonito a todos os respeitos—descobertas recentemente no Himalaya e outras montanhas da India, o antigo *rhododendron arboreum* ha de sempre occupar um dos primeiros logares no jardim do florista.

Esta planta, originaria do norte da India, foi introduzida na Europa ha perto de sessenta annos.

No Porto e seus arredores dá se perfeitamente. Nos jardins de alguns antigos amadores encontram-se soberbos exemplares d'este arbusto, os quaes, como no seu paiz natal, attingem a altura de 8 a 10 metros. No numero dos possuidores de exemplares n'estas condições, devem contar-se os jardins do sr. Christiano Wanzeller, a quinta do sr. conde da Silva Monteiro, á Lavandeira, e a quinta que foi do sr. visconde de Oliveira e de que é hoje proprietario o sr. conselheiro Manuel Maria da Costa Leite.

Estes exemplares tornam-se encantadores pela sua frondosa copa, que na epoca da floração se cobre de milhares de flores de côr escarlate vivissima. Este *rhododendron* é conhecido no Porto pelo nome de *rhododendron lacre*, nome que, decerto, lhe foi dado por causa da côr brilhante das suas flores, e é debaixo d'esta designação que o temos descripto no catalogo do nosso estabelecimento.

O *rhododendron arboreum* não é uma variedade: é uma especie-typo que tem produzido uma grande multidão de variedades, todas hybridas, ou suppostas como taes. Reconhece-se facilmente pelas suas folhas pendentes espessas e enroladas sobre os bordos, lizas na face superior e cobertas na inferior de papillas argenteas.

As suas flores são escarlates, um pouco sombrias—circumstancia quasi unica n'este genero—e agrupadas em ramalhetes terminaes muito abundantes. A cultura dos *rhododendrons* em geral não exige cuidados extraordinarios. Terra de urze ou de folhas, uma exposição ao norte ou ao nascente e regas moderadas, é o bastante para que estes interessantes arbustos forneçam em qualquer tempo magnificos massiços, os quaes, na epoca propria, nada poderão encontrar que rivalise com o brilho e riqueza da sua floração, que é desde março até junho.

José Marques Loureiro.

SECÇÃO LITTERARIA

A RAINHA DOS PEIXES

Havia na provincia de Valois, junto dos bosques de Villers-Cotterets, um rapazinho e uma pequenita, que de tempos a tempos se encontravam nas margens dos regatos que ali correm: elle, obrigado pelo mateiro Torce-Carvalhos, seu tio, ia apanhar ramos seccos; ella, de mandado de seus paes, pescava enguias, que quando as aguas estão baixas se pódem ali enxergar entre os limos, em certas estações. Tinha tambem de apanhar caranguejos, á falta de coisa melhor.

Mas a rapariguinha, sempre curvada e com os pés mettidos na agua, tinha tanto dó do que soffriam os pobres peixes, que a maior parte das vezes, vendo-os estrabuxar ao tiral-os do regato, tornava a deital-os na agua, e só levava os caranguejos, que lhe mordiam os dedos fazendo-lhe sangue. Para esses era então menos indulgente.

O rapaz, pela sua parte, enfeitava a lenha e urzes, mas via-se exposto muitas vezes a maus tratos ou por trazer pouco ou por ter gasto muito tempo a fallar com a pescadora.

N'um certo dia da semana as duas creanças nunca se encontravam. Era o mesmo, por certo, em que a fada Melusina se metamorphoseava em peixe, e as princezas do Edda em cysnes.

No dia seguinte a um d'esses, o mateirosinho disse á pescadora:

— Lembras-te de que te vi hontem passar lá em baixo nas aguas de Challepont, com todos os peixes que te serviam de sequito... até os carpos e os lucios; tu então eras um lindo peixe encarnado, com as ilhargas todas reluzentes de escamas douradas.

— Lembro-me perfeitamente, disse a rapariguinha, tanto que te vi na margem, e figuravas um lindo carvalho viçoso, com os mais altos ramos de ouro fino. Todas as arvores da Floresta curvavam-se até ao chão por teu respeito.

— E' verdade, disse o rapazinho, tive um sonho assim.

— E eu tambem sonhei o que tu me disseste; mas como póde ser semelhante coincidencia?

N'isto a conversa foi interrompida pela apparição do Torce-Carvalhos, que atirou uma pancada ao rapaz com um grosso cajado, reprehendendo-o por ainda não ter feito sequer um unico molho.

— E' que se o guarda me visse levar madeira verde mettia-me na cadeia, redarguiu o pequeno, e quando eu quiz fazer o que o tio me tinha mandado, ouvi a arvore gemer.

— Tambem eu, disse a rapariguinha, sempre que levo peixes no cesto, ouço-os a cantar tão tristemente, que os torno a deitar na agua. E então batem-me quando chego a casa.

— Cala-te, feiticeira! disse lhe Torce-Carvalhos, que parecia excitado pela bebida; fazes do meu sobrinho um mandrião. Bem te conheço por esses dentinhos aguçados e côr de perola...: E's a rainha dos peixes! Mas fica descançada que te hei de apanhar n'um certo dia da semana, e morrerás presa dentro da nassa de vime!

Estas ameaças realisaram-se dentro em pouco. A rapariguinha foi pescada sob a fórma de peixe encarnado. O destino obrigava-a a tomar esta fórma em certos dias.

Felizmente, quando Torce-Carvalhos quiz, ajudado pelo sobrinho, tirar da agua a nassa de vime, o pequenito reconheceu que o lindo peixe encarnado e de escamas douradas, por elle já entrevisto em sonhos, era a transformação accidental da pescadora. Atreveu-se a defendel-a de Torce Carvalhos, chegando a bater no tio com um tamanco. O mateiro enfurecido, agarrou-o pelos cabellos, e tentou derribal-o, mas ficou espantado ao encontrar enorme resistencia. E' que o rapasito tinha os pés fincados no chão tão fortemente, que Torce-Carvalhos não conseguiu sequer levantal-o, e de balde o voltava em todos os sentidos.

No momento em que a resistencia da creança ia ser supplantada, as arvores da floresta estremeceram com surdo ruido: os ramos agitados deixavam sybilar os ventos, e a tempestade obrigou a recuar Torce-Carvalhos, que se retirou para a sua cabana de mateiro.

Tornou a sair logo depois terrivel e transfigurado, como um filho d'Odin. Na mão brilhava o machado escandinavico, que ameaçava as arvores, qual martello de Thor despedaçando os rochedos.

O joven principe das florestas, victima do usurpador Torce-Carvalhos, seu tio, sabia já qual era a sua gerarchia, que lhe tinham querido occultar As arvores protegiam-n'o, mas unicamente pela sua massa e resistencia passiva. Em vão os obrolhos e os renovos se entrelaçavam para fazer parar a Torce-Carvalhos: o colosso tinha chamado os seus mateiros e abria caminho atravez de quantos obstaculos se deparavam. Já muitas arvores sagradas, do tempo dos velhos druidas, tinham cahido aos golpes dos machados.

Por felicidade a rainha dos peixes não perdeu tempo. Foi lançar-se aos pés do Marne, do Aisne e do Oise, tres grandes rios que ficam proximo e allegou-lhes que se não detivessem Torce-Carvalhos e os seus companheiros, as florestas perderiam o arvoredo e não poderiam reter os vapores das chuvas, origem da agua dos rios, dos ribeiros e dos lagos. As proprias fontes estancar-se-hiam, deixando de fornecer a agua necessaria para alimentar os rios; os peixes seriam exterminados dentro em pouco, e os animaes selvagens e os passaros teriam a mesma sorte.

Os tres grandes rios attenderam esta supplica, e o terreno onde Torce-Carvalhos e os seus tremendos lenhadores trabalhavam para a destruição das arvores, sem todavia terem chegado ao principe das florestas, foi inteiramente alagado por uma immensa inundação, que só terminou depois do completo exterminio dos agressores.

Foi então que o principe das florestas e a rainha dos peixes poderam novamente recomeçar os seus innocentes colloquios.

Não eram já um lenhador e uma pescadora, mas um sylpho e uma ondina, cuja união veiu mais tarde a realisar-se.

Gerardo de Nerval.

O ESPELHO

(ALPHONSE DAUDET)

Desembarcou no Norte, nas margens do Niémen, uma gentil creoula de quinze annos, alva e rosada como a flor da amendoeira. Chegava da terra dos colibris, trazida nas azas do amor. Diziam-lhe os da sua ilha:

«Deixa-te de ir para o continente, faz lá muito frio... Verás que morres com o inverno». Mas a gentil creoula não acreditava no inverno e mal tinha uma idéa do que fosse o frio pensando na frescura dos sorvetes; e depois estava apaixonada, não pensava na morte... E eil-a que lá desembarca nas brumas do Niémen, com os seus leques, uma rede, os mosquiteiros e uma gaiola toda de arame doirado cheia de avesinhas do seu paiz.

Quando o mal encarado do velho Norte viu aquella mimosa flôr, que o sul lhe enviava, sentiu confranger-se-lhe de magua o coração, e bem persuadido de que n'um apice o frio enregelaria aquella creança adoravel e os seus colibris, tratou de lhe arranjar um esplendido sol rutilante, e todo se vestiu de galas para a receber... A creoula caiu no logro; tomou o pesado e abafadiço calor do Norte por uma temperatura estavel e agradavel, essa eterna verdura anegreada pelo verde da primavera, e, suspendendo a rede de dois pinheiros, ao fundo do parque, passava dias inteiros a abanar-se, baloiçando-se.

«Mas que rico calor que faz no Norte,» dizia ella rindo-se. Ainda assim não estava de todo em todo satisfeita. Por que serie que n'aquelle extraordinario paiz se não via nem uma unica varanda?

Para que serviram aquellas avantajadas paredes, tantos tapetes e tão pesados reposteiros!

E os enormes fogões de faiança, e a profusão de lenha que se encontrava em todos os pateos, e as pelles de raposa azul, e as capas recheadas de algodão rama; para que seria tudo aquillo?... Pobre creança, cedo de mais o devia saber.

Uma manhã, ao acordar, sentiu um arrepio de frio. Fora-se o sol e do ceu negro e pesado, que parecia estar a dois metros da terra, caia em ligeiros flocos uma penugem branca e silenciosa como a rama dos algodoeiros... Era o inverno, era o inverno! Ruge o vento e roncam os trovões. Os colibris já não saltitam na enorme gaiola de arame doirado. Lá estão immoveis, muitos conchegadinhos uns dos outros, muito rufados, com as azitas azues, vermelhas, côr de rubi, côr do mar, todas eriçadas, n'um alinhamento de bicos delgados. Ao longe, no fundo do parque, agita-se a rede coberta de geada, e a rama dos pinheiros está que nem agulhas de vidro... A gentil creoula a tremer de frio já não quer sair.

Tão encolhidinha como os colibris, não se tira do pé do fogão, e passa o tempo a rever-se no lume, pensando no sol. Vê em imaginação todo o seu paiz na vasta chaminé esbrazeada: a immensidade dos caes cheios de sol onde escorre o loiro assucar das canas, os grãos de milho n'um rédemoinho de pó doirado, e as sestas de depois do almoço, os stores claros, as esteiras de palha, as noites faiscantes de estrellas, as moscas prateadas e essa infinidade d'azas a zumbir por entre as flores e as malhas de tulle dos mosquiteiros.

E emquanto a creoula sonha olhando as chammas, vão-se succedendo uns aos outros os dias de inverno, cada vez mais curtos, cada vez mais tristes. Todas as manhãs se tirava um colibri morto da gaiola; por fim ficaram só dois, dois flocos de pennas verdes, aconchegando-se um ao outro, a um canto...

Chegou um dia em que a gentil creoula se não pôde levantar. Despedaçava-a paralysava-a o frio, como leve barquinho preso dos gelos do Norte. A geada revestira os vidros d'uma espessa cortina de seda mate. A cidade parecia morta, e, pelas ruas silenciosas, o apparelho de tirar a neve assobia lamentosamente...

A creoula, deitada na cama, entretinha-se a fazer luzir as lantejoulas do leque ou a mirar-se nos espelhos do seu paiz, todos franjados de pennas.

E assim vão docorrendo os dias de inverno cada vez mais pequenos, cada vez mais tristes. Envolta no cortinado de rendas, queixa-se magoada a gentil creoula. O que mais a apoquenta é não poder da cama avistar o lume. Assim, parece-lhe ter perdido a patria pela segunda vez...

De quando em quando pergunta: «Ha lume no quarto?

— Ha, sim, meu amor. E cada labareda! Não ouves crepitar a lenha e estalar as pinhas?

— Vamos a ver... Mas por mais esforços que faça, não vê a claridade; desespera-se por o não conseguir. Ora, uma noite que ella assim estava, pallida e pensativa, a cabeça deitada na bordinha da almofada, com os olhos sempre virados para essa luminosa chamma invisivel, pergunta-lhe elle, pegando n'um dos espelhos que estavam sobre a cama: «Queres ver o lume, filha... Vaes vel-o, deixa estar...» E ajoelhando-se diante do fogão, tenta enviar-lhe com o espelho um reflexo da magica chamma: » Vês alguma coisa?—Não! não vejo nada.

— E agora...—«Não! não vejo...» Depois repentinamente, recebendo em cheio uma onda de luz: «Oh! agora vejo!» disse muito alegre a gentil creoula, e morreu a rir, retratando-lhes duas pequeninas chammas nas rutilas pupilas.

Nemo.

O N.º 13

— Deus seja comvosco, minha filha, então que noticias ha do nosso soldado? Os tres annos estão a acabar, se Deus quizer ainda este anno havemos de ter um casamento... mas o que é isso, Rosinha ?! porque choras ? Olha que teu primo havia de ficar muito contente se te visse assim, triste como um cypreste, nas vesperas do noivado!

— Que quer, sr. cura! eu bem faço a diligencia por andar alegre; mas não sei que más ideias são estas que me passam pela cabeça! A's vezes, affigura-se que não torno a ver o João. O sr. cura não sabe que elle é o numero 13?

— Pois bem, 13 ou 14, que importa isso Rosinha?

— Ah! sr. cura, é que 13 é um numero aziago!

— Ora não digas tolices, filha. Aziago é duvidar assim da graça de Deus! E' precizo que rezes esta noite uma corôa de contas a Nossa Senhora, para que arrede do teu espirito esses agoiros do inimigo. Dize-me cá: a tia Josepha está em casa?

— Eu não sei, sr. cura, ella esta manhã foi para a cidade vender um poucochito de feijão. Quando sahi, ainda não tinha vindo, mas agora já deve estar de volta. Ha mais de duas horas que estou cá para baixo a lavar esta roupita....

— A lavar ?! a lavar ?! Não te tenho dito muita vez que não te deves metter no rio? Aposto que tens mais tosse e que te doe outra vez o peito!

— E' verdade, sr. cura, mas então! Emquanto meu pae, que Deus haja, foi vivo, não precisavamos fazer estes serviços; mas agora, se não vier ao rio, é a mãe que cá ha-de vir, e ella está tão velhinha! Ainda assim, o sr. cura bem o sabe, não me deixa fazer nada: hoje, se vim lavar, foi porque ella não estava em casa.

— Pois d'aqui por diante, não has-de ser tu, nem ella quem ha-de lavar, ha-de ser a minha lavadeira; deixa estar, isso agora fica por minha conta.

— Muito obrigada, sr. cura, eu posso muito bem...

— Já te disse o que te havia de dizer: ámanhã cá mando a lavadeira —E olhe que não a quero tornar a ver no rio, ouviu sua teimosa?

— Oh! sr. cura! Que de beneficios nós vos devemos...

— Está bem. Agora dá cá a trouxa para cima da mulita. Eu vou a pé comtigo. Não se dirá que um pastor não teve pernas para acompanhar a mais querida das suas ovelhas.

Este dialogo travara-se no fundo d'uma pequena ladeira, pittorescamente alongada por entre silvados, um d'estes caminhos rusticos, como se encontram muitos em todas as aldeias, serpenteando graciosos pelo meio dos campos, ou alvejando por entre as urzes ao longo das mattas.

O primeiro dos interlocutores, como os leitores já podem ter inferido, era o cura da aldeia, um velhinho de cabellos brancos e aspecto veneravel, em cujos olhos, pequeninos e vivos, brilhava, sem mescla, a paixão da virtude e o amor do genero humano.

A outra, era uma rapariga de dezoito a vinte annos, de tez morena e cabellos negros, feições talvez não correctas, mas graciosas e attrahentes. Tinha os olhos escuros, profundos e scismadores: a figura delicada e flexivel como um vime.

Na sua physionomia suave e triste, estava estampado o sello d'um grande soffrimento, physico ou moral: via-se que a doença ou os desgostos lhe haviam precocemente emmarellecido e encovado as faces. Apesar d'isso, Rosinha era bonita; não d'esta formosura fresca e radiante, que é o encanto privilegiado dos campos; mas d'uma belleza mais pura, se bem que menos vistosa, e singularmente interessante.

Os nossos dois interlocutores subiam vagarosamente. De vez em quando, Rosinha era obrigada a parar por um ataque de tosse que a suffocava. O cura acarinhava-a com paternal affecto, murmurando tristemente:

—Valha-nos Deus! valha-nos Deus!

No cimo da ladeira, tomaram á direita, por um atalhosito estreito atravez d'um olival entremeado de vinha, ao fim do qual branqueava uma casinha, que era a morada de Rosinha.

A portava estava fechada e em redor reinava um silencio profundo, só interrompido pela chegada da nossa pequena caravana.

— Ainda cá não está—disse Rosinha toda desconsolada— Valha-me Nossa Senhora! E o sr. cura aqui á espera.

— Não te afflijas, menina, esperaremos.

E emquanto Rosinha corria o ferrolho da porta, o bom padre alliviava a mula, que apenas se apanhou livre do seu carrego, correu a installar-se debaixo d'um telheiro, coberto de musgo, onde já a esperava um famoso petisco de parras e folhas de figueira, que mão amiga lhe havia preparado.

— Oh sr. cura, faz favor de se sentar, aqui tem a sua cadeira. Agora quer um copinho de agua fresca, não é assim?

Isto dizia Rosinha, apresentando ao padre uma cadeira de palhinha, unico objecto de luxo da sua casinha desguarnecida, e pondo-lhe debaixo dos pés uma tela de estopa, alva de neve.

Como todas as casas pobres do campo, a de Rosinha era terrea. No fundo, havia uma grande lareira, aonde ardiam alguns troncos de lenha, sob uma panella de lata, perfeitamente polida: a um canto, via-se uma prateleira, com umas tijelas e uns pratos de loiça grosseira e duas bilhas de barro vermelho, tapadas com rolhas de cortiça: do outro lado, uma arca pintada de verde, servia ao mesmo tempo de armario e de meza, depois, dois banquitos de pau e uma cesta, pendurada n'um prego, completavam a mobilia da casa de Rosinha.

Mas reinava em tudo isto tanto arranjo e asseio, que não era para admirar que o bom cura se achasse feliz n'esta pobresinha vivenda.

— Vamos, Rosinha, senta-te. Deixa de te occupar mais de mim. Estou bem, muito bem! o que eu quero agora é que venhas para aqui conversar commigo. Então dize-me cá, a que horas saiu a mãe esta manhã?

— Não sei bem, sr. cura; mas o sol ainda não ia ali á altura do castanheiro. Pelas minhas contas, já para lá está ha mais de sete horas. Valha-me Deus! não sei o que o coração me advinha hoje...

— Ora pois, Rosinha, não entres a affligir-te. Ella não ha-de tardar e... quem sabe! talvez nos traga por ahi alguma coisa que faça sorrir uns olhinhos tristes...

— Isso sim, sr. cura! Se trouxesse carta, já cá estaria! mas o meu João não podia escrever agora. O sr. cura não se lembra de nos ter lido, na ultima carta, que elle ia para Vendas Novas e que os exercicios, ou como lhe chamava, mal deixam tempo aos soldados para dormir?

— E' verdade, Rosinha, tens razão, já não me lembrava.—Que queres! a gente com a edade vae tambem perdendo a memoria.

— E os taes exercicios o que são, sr. cura?

— Eu sei, filha! manobras, tiros, experiencias, supponho eu, com essas machinas infernaes a que elles chamam artilheria, inventadas pela barbaria dos homens para se destruirem uns aos outros; mas tu não pódes entender isto, Rosinha, nem eu tão pouco, cujo mister é insinuar nas almas os sentimentos da humanidade e o santo amor do proximo.

Rosinha não entendia; mas a sua attenção pendia anhelante dos labios do cura, e os seus olhos, cada vez mais fundos, brilhavam com estranho fulgor. Quando elle acabou, deu um grito medonho e cobrindo o rosto com as mãos, como se quizesse livrar-se de alguma visão terrivel, desatou a chorar.

Sem saber porque, os olhos do cura arrasaram-se tambem de lagrimas.

— Então, que é isso? disse com uma voz, que elle se esforçava por tornar segura. Deveras, minha filha, que não te entendo!

Rosinha ergueu de novo a fronte.

— Era, murmurou meneando a cabeça com um gesto de desespero, era... já se foi... Ahi vem! outra vez! outra vez!

Soltando estas palavras incoherentes e truncadas, levantou-se desvairada. Uma contracção de indizivel terror substituia-lhe no rosto a expressão habitual de melancholia: o seu olhar ardente percorria insensato todos os cantos do pequenino quarto, como se quizesse fixar algum objecto que lhe fugia.

Movido de espanto e compaixão, o velho cura correu para ella, exclamando:

— Rosinha! Rosinha! endoideceste? Em nome de Deus, dize-me o que tens!

Mas Rosinha não o ouvia.

O seu espirito delirante debatia-se n'um pesadello horroroso, creando visões, que passavam successivamente diante d'ella, rapidas, fugitivas, como as estampas d'um horroroso kaleidoscopo. Primeiro affigurou-se-lhe ver sua mãe, que subia a ladeira da encosta a passos lentos e mal seguros. Trazia na mão uma espada ensanguentada e á cabeça uma arquinha vermelha, cheia de fardas, barretinas, calças de listas encarnadas, esporas, correias, tudo misturado em completa desordem, e tambem gottejando sangue.

Depois, lá muito ao longe, n'um campo enorme, rapado de verdura, como uma eira descommunal, viu a figura de João, airoso e bello com a sua farda de artilheiro, que a chamava amorosamente.

Em seguida veio uma coisa formidavel, tremenda! cuja fórma ella não podia definir, mas que tinha no aspecto terrivel o stygma da morte e da destruição.

Então houve um estrondo medonho, semelhante ao ruido do trovão.

Por fim uma grande confusão de objectos e gentes desconhecidas, gritos e movimentos, que ella não sabia interpretar.

E toda aquella multidão desappareceu, uns cavalgando, outros a pé, movendo-se ao som de musicas e trombetas, que atroavam os ares.

Só um cadaver ficou, horrivelmente mutilado, n'um mar de sangue.

Subitamente, no semblante de Rosinha houve uma nova revolução. Os seus olhos, brilhantes, levantaram-se ao céu, n'um extase de mystica adoração. Nos seus labios, descórados, pairou um sorriso de placida beatitude. Quiz fallar, mas a voz expirou-lhe na garganta. Uniu as mãos com um gesto de mudo reconhecimento, e caiu por terra, aos pés do velho sacerdote, para não mais se erguer.

No mesmo instante, abriu-se a porta, para dar entrada a um novo personagem.

Era uma velhinha, magra, corcovada, trazendo uma espada na mão rugosa e secca, e, á cabeça, uma arquinha vermelha, marcada com o n.º 13—mesquinha herança d'um soldado.

Zuleicka.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 19

Concessão de differentes mercês honorificas.

Portaria declarando a fórma como devem ser documentadas as despezas de tratamento dos doentes pobres, no hospital de S. José, da cidade de Lisboa, para as misericordias e camaras municipaes dos outros concelhos.

Relação dos candidatos admittidos ao concurso de primeiros aspirantes, para o serviço dos correios e telegraphos, fóra de Lisboa e Porto.

Listas de antiguidades dos distribuidores supranumerarios das administrações telegrapho-postaes de Lisboa e Porto.

Diario de 20

Boletim de sanidade maritima declarando inficcionada da epidemia da febre amarella a ilha de Palma, e suspeitas as demais ilhas do archipelago das Canarias.

Diario de 21

Convite aos bachareis que desejem ser propostos vogaes dos tribunaes administrativos, para apresentarem os seus requerimentos.

66

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— No entanto, continuou Locksley, tratemos dos nossos negocios; porque quando o boato da nossa façanha se tiver espalhado, as tropas de Bracy, de Malvoisin e dos outros alliados de Cabeça-de-Boi se porão em movimento contra nós, e é prudente pensar na nossa segurança. Nobre Cedric, fiz dos despojos duas partes, escolhei aquella que vos agradar, para fazerdes larguezas aos vossos vassallos que nos ajudaram.

— Bravo yeoman, respondeu Cedric, o meu coração está sepultado na tristeza. O nobre Athelstane de Conningsburgh já não existe; Athelstane, a ultima vergontea do santo rei confessor! Com elle morreram as nossas esperanças. A faisca, que acaba de se extinguir no seu sangue, não póde ser ateada por nenhum esforço humano. Os meus, salvo o pequeno numero que aqui vedes, não esperam mais do que a minha presença para transportar os seus restos deploraveis ao palacio dos seus antepassados. Lady Rowena deseja voltar a Roterwod, e é-lhe preciso uma escolta sufficiente. Ter-vos-hia deixado já, senão tivera esperado, não pela repartição dos despojos do inimigo, pois que, com a ajuda de Deus e de Santo Withold, nem eu nem os meus receberemos um só real, mas pelo instante em que vós todos estivesseis reunidos, para vos agradecer, assim como aos vossos bravos companheiros, por terdes salvado a honra e a vida á minha nobre pupilla.

— Como assim? replicou o chefe dos *outlaws*, nós não fazemos, quando muito, senão metade da tarefa; tomai pois metade dos despojos para recompensar os vossos visinhos e vassallos.

— Tenho de sobra com que os recompense sem tocar nos vossos despojos.

— E alguns d'entre elles, diz Wamba, foram assaz avisados para se recompensarem por si mesmos. Não vos persuadeis que se foram todos com as mãos vazias; nós não trazemos todos a libré mesclada.

— Nem por isso os condemno, disse Locksley, que não estão elles sujeitos ás nossas leis.

— Mas tu, meu pobre amigo, disse Cedric avançando-se para Wamba e abraçando-o, como te hei de recompensar, tu que não temeste carregarte com as cadeias que teu amo trazia, e sacrificar a tua vida pela sua? Quem jámais me deu uma tal prova d'affeição e de fidelidade!

E como isto dizia orvalhavam-se-lhe os olhos de lagrimas de gratidão; effeito que não experimentára vendo succumbir seu querido Athelstane: sim, que a fidelidade de Wamba podia mais com elle, que a dolorosa perda que havia soffrido.

— Pois quê? replicou o doudo furtando-se aos carinhos do amo; com lagrimas é que quereis pagar os meus serviços? Se assim é será mister tambem que chore, o que de nenhum modo se ajusta com a minha profissão. Se quereis recompensar-me, perdoai a Garth a falta que commetteu ausentando-se sem ordem vossa: lembraivos que se o fez, foi para ir servir vosso proprio filho.

— Perdoar-lhe! exclamou Cedric: mais do que isso merece elle; devo-lhe uma recompensa. Chega-te cá, Garth, e põe um joelho em terra.

Obedeceu immediatamente o guarda dos porcos.

— Já não és *theow* nem *esne* (1), disse-lhe Cedric tocando-lhe com uma vara; és *folk-free* e *sacless* (2), homem livre, na cidade como nas aldeias, nos bosques como nos campos. Dou-te além d'isto dez alqueires de terra na minha herdade de Walbrugham, que possuirás de mim e dos meus, desde agora e para sempre; e a maldição de Deus cáia sobre a cabeça de quem se desmintir.

Encantado de se vêr de subito com uma fazenda, e muito mais com a liberdade porque ha tanto suspirava, não cabia em si de contente o pobre Garth, e entrou a saltar e a cantar.

— Um ferreiro, e uma lima! uma lima! exclamou, para tirar esta colleira do pescoço d'um homem livre! Meu nobre amo, dobrastes-me as forças com essa generosidade, com dobrado valor arriscarei por vós a vida. Sinto um coração livre bater-me no peito. Sinto-me todo mudado, e tudo muda diante dos meus olhos. Ah! Fangs, eis-te ahi! reconheces ainda teu dono?

— Sinto, diz Wamba, Fangs e eu ainda te reconhecemos, bem que desejamos ainda escravos: o mesmo não affirmarei de ti, que talvez em breve não conheças nem a nós, nem a ti mesmo.

— Tens razão, que seria mister para me não lembrar de ti que me desconhecesse a mim mesmo? se o dom da liberdade te fôra util, fiel amigo, o nobre e generoso Cedric ter-t'o-hia concedido primeiro que a mim.

— Assim é, que não sou tão desajuizado que prefira a tua condição á minha. O escravo fica sentado mui socegado ao pé do fogo, em quanto o homem livre se revolve no meio dos esquadrões do inimigo. Com razão affirma Oldhelm de Malmsbury que vale mais fazer o papel de doudo n'um festim, que o de sizude n'um campo de batalha.

Ouviu-se então estrepito de cavallos, e quasi no mesmo momento viu-se apparecer lady Rowena, ricamente vestida, montada n'um soberbo palafrem, e rodeada d'um sequito numeroso d'escudeiros armados, cujas feições exprimiam a alegria que sentiam de verem sua ama em liberdade.

Apresentou-se com um ar magestoso, como se nada lhe acontecera, e apenas conservava certa pallidez indicadora do muito que havia soffrido. Enturvavam-lhe as feições divinas uns longes de pezar temperado com a esperança, que na alma lhe raiava d'um mais venturoso porvir: ao mesmo tempo que sentia enchentes de gratidão, por se vêr livre dos seus barbaros oppressores.

Haviam-lhe dito que Ivanhoé vivia, e que Athelstane já não existia. A primeira nova a tinha enchido da mais pura alegria, e a segunda, causando-lhe algum pezar, trazia comsigo o allivio de saber que nunca mais seria exposta ás importunidades de Cedric, que queria determinal-a a cazar com elle.

Como lady Rowena se endireitasse para Locksley levantou-se este para a ir receber, e todos os archeiros fizeram outro tanto por um instincto natural de cortezia. As suas faces se cobriram um instante d'um amavel rubor, e, fazendo uma nobre inclinação, que confundiu um momento os anneis dos seus longos cabellos com as crinas do palavrem, exprimiu em poucas palavras o seu reconhecimento ao bravo yeoman, e aos seus libertadores... Deus e a Santissima Virgem vos recompensem, esforçada gente, por terdes tão cortezãmente, e com evidente perigo de vossos dias, abraçado a causa dos opprimidos. Se jámais qualquer de vós tiver fome ou sêde, lembrai-vos que lady Rowena é rica e grata. Se os normandos vos forçarem a largar estas florestas, tende presente na memoria que lady Rowena possue outras, onde podereis caçar a vontade.

— Graças, nobre dama, diz Locksley, eu vos agradeço pelos meus companheiros e por mim. O ter-vos livrado é em si mesmo a maior das recompensas. Nem sempre são meritorias as obras, que n'este mattos fazemos: acceitem os céus em desconto d'ellas a que hoje tivemos a dita de fazer restituindo-vos á liberdade.

Lady Rowena, tendo-os saudado de novo, ia partir; mas, como parasse para esperar por Cedric que a devia acompanhar, e que igualmente fazia os seus adeuses, achou-se inopinadamente ao lado do prisioneiro de Bracy. Estava elle em pé debaixo d'uma arvore, entregue a profundas meditações, com os braços cruzados sobre o peito; lisongeava-se de que lady Rowena o não teria visto; tinha-se porém enganado: e se de Bracy lh'o não deu logo a conhecer foi porque de envergonhado não ousava apresentar-se-lhe diante; emfim, avançando-se para ella, agarra o seu palavrem pela rédea, e diz-lhe:

— Lady Rowena dignar-se-ha lançar os olhos sobre um cavalleiro captivo, sobre um soldado deshonrado?

— Senhor cavalleiro, lhe respondeu ella, em emprezas taes como a vossa, a verdadeira deshonra consiste no seu exito.

— A gloria do triumpho deve abaçar o resentimento, replicou de Bracy. Saiba eu unicamente que lady Rowena se digna perdoar a violencia occasionada por uma cega paixão, e ella verá bem depressa que de Bracy sabe servil-a mais nobremente.

— Eu vos perdôo, cavalleiro, respondeu lady Rowena, mas só como christã.

— O que quer dizer, diz Wamba que lhe não perdoa.

— Mas nunca mais poderei esquecer, proseguiu ella, as desgraças e a desolação que resultaram da vossa loucura.

— Larga a rédea do cavallo d'essa dama, disse Cedric, que chegava n'este momento. Pelo sol que nos alumia, juro que, se não fôra por vergonha, pregava-te n'essa arvore com este dardo. Mas fica certo, Mauricio de Bracy, que has de pagar caro a parte que tomaste n'esta acção infame.

— Nada se arrisca em se ameaçar um prisioneiro, disse de Bracy; mas que muito seja um saxonio brutal e incivel?

Recuando então alguns passos, deixou lady Rowena pôr-se em marcha.

Cedric, antes de partir, testemunhou particularmente o seu reconhecimento ao cavalleiro Negro, e insistiu vivamente para que elle o acompanhasse a Rotherwood.

— Eu sei, lhe disse elle, que vós outros cavalleiros errantes gostais de ganhar a vossa fortuna por todo o mundo á ponta da vossa lança; mas a gloria das armas é uma amiga inconstante; e o mais bravo campeão sente ás vezes o desejo de ter um domicilio fixo. O palacio de Rotherwood é vosso, nobre cavalleiro; Cedric é bastante rico para reparar as injustiças da fortuna para comvosco, e tudo o que elle possue pertence ao seu libertador. Vinde pois a Rotherwood, não como hospede, mas como um filho, ou como um irmão.

— Cedric assáz me enriqueceu, respondeu o cavalleiro, fazendo-me conhecer quão valerosos são os saxonios. Ver-me-heis em Rotherwood, bravo Cedric, e não tardará muito; mas n'este momento tenho negocios que me obrigam a tomar diverso rumo. Demais, que quando lá fôr, talvez vos peça uma dadiva para experimentar até onde chega a vossa generosidade.

— Está desde já concedida, redarguiu Cedric apertando a mão ao cavalleiro negro; está concedida ainda que fóra metade do que possue.

— Não façais promettimentos tão levianamente, redarguiu o cavalleiro do cadoado; comtudo espero poder conseguir o dom que vos hei de pedir. No entanto, recebei o meu adeus.

— Resta-me dizer-vos, accrescentou o saxonio, que durante as exequias do nobre Athelstane devo habitar no seu palacio de Conningsburgh, que estará aberto para todos os que quizerem tomar parte no banquete funebre, (fallo em nome da nobre Edith, mãi d'este ultimo principe saxonio) e especialmente para aquelle que combateu com tanto valor, ainda que inutilmente para livrar seu filho das cadeias, e do gladio dos normandos.

— Sim, sim, disse Wamba que tinha tomado o seu posto junto a seu amo, ha de haver mesa franca no palacio de Conningsburg. Que pena que o nobre Athelstane não possa assistir ao banquete do seu funeral! Porém, continuou o bufão levantando gravemente os olhos para o céu, ceia está noute no paraizo, e ha de fazel-o como um homem.

— Silencio, e parâmos, disse Cedric que não gostava d'este gracejo; mas que não podia resolver-se de modo algum ralhar com Wamba depois do serviço importante que acabava de lhe fazer tão recentemente.

Lady Rowena saudou com graça o cavalleiro negro: Cedric disse-lhe que desejava que Deus lhe fizesse prosperar todos os seus projectos, e depressa desappareceram por entre as arvores.

(1) Escravo.
(2) Homem livre.

(Continua)

CORREIO DE LISBOA

23 DE NOVEMBRO DE 1888.

E' fóra de duvida que se procura agitar o paiz, servindo para uns de pretexto a lei do recrutamento, para outros a questão agricola, e para todos os que n'isso se empenham, as mil futilidades que para o caso pódem servir. E o governo, que parece desprevenido no meio de tudo isto, assiste ao facto de braços cruzados—quazi que animando, pela desprevenção ou pela propria inanidade, o desmoronamento do edificio que tanto custou a levantar, e que de tanta duração seria se com mais cuidado, se com melhor direcção—se com mais amor á propria causa e ao paiz, se tivessem dirigido os negocios da governação. Parece que se pretende animar a desordem—parece que se quer derrocar o grande edificio, pois que outra cousa não é—dar fóros de partido a uma agremiação de desordeiros, inimigos da ordem e das instituições, acariciando-os e acrescentando-os por um modo que não tem semelhante na historia de nenhum paiz monarchico. O que se está vendo na direcção das cousas publicas intibia pelo menos os mais fortes, os mais dedicados á dynastia e ás instituições—os que sobre tudo desejam e querem, sobre tudo, repito, a moralidade, a ordem, a paz e a prosperidade nacional. E nada d'isto se conseguê se os governos deixarem de ter a tensidade, a firmeza, a resolução e a força que as circumstancias estão reclamando. Transigir com tudo, obtemperar á mais insolita exigencia d'um grupo que está positivamente fóra da lei; e fazer leis que dão a esse grupo representação em toda a parte, não póde ser principio de governo—de governo que saiba e que queira manter a dynastia e as instituições. Do que está succedendo nas grandes e nas pequenas cousas não quero eu a responsabilidade. A minha testada varre-se porque nunca tranzigí com a desordem—porque não queria, porque não quero sobre o meu partido o epiteto com que outros se honraram—de *caveiros da monarchia*. Por este lado, força é dizel-o—punge ter de affirmal-o—não vão bem as cousas. E porque amo deveras a actual dynastia, e porque não desejo vêr suplantado o principio da auctoridade e da ordem, chego a arrepender-me de ter combatido o conde de Thomar, e a lembrar-me com saudade do animo potente e do braço forte da Rainha que já não vive—da sempre respeitavel Senhora D. Maria II. A pressão sob que então vivemos era decerto mais grata aos verdadeiros liberaes, que a perspectiva do futuro que se nos antolha. Velho patuleia, antigo historico, e progressista provadamente fidelissimo, desadoro do que vejo, e arreceio-me do que pre-sinto. Eu já disse aqui, e não duvido repetil-o—que as circumstancias estão reclamando se não o conde de Thomar, porque está velho e doente, ao menos o seu systema de governo. E se este não ressurge—penaliza ter de dizel-o e mais ainda de affirmal-o—ai da dynastia, e ai das instituições!

— Causa riso observar o barulho que a opposição, tanto d'aqui, como da provincia, tem feito a proposito da sahida do nobre ministro da guerra, discutindo, muito massadoramente, se houve ou não *crise!* Ora que importa ao paiz, que trabalha e paga, que os politicões, pretendentes ás pastas, chamem assim ou assado á retirada de um membro do gabinete, entrando outro ainda de politica mais accentuada? Mizerias da opposição!

— Os jornaes da opposição teem-se occupado larga e insistentemente do embargo requirido em Paris pelos interessados no emprestimo de D. Miguel, sobre o producto do ultimo emprestimo realisado n'aquella cidade, e intimado por despacho judicial ao sr. Ephrusio como um dos negociadores d'aquelle emprestimo. E' evidente que esse pretendido embargo não passa de uma ridicula chicana, que não illude ninguem, e que apenas representa uma nova tentativa, tão mallograda e tão infeliz como as anteriores, para obter concessões e vantagens, que nem as leis nem o decoro nacional consentiriam. Sobre o que a este respeito tem occorrido em Paris, é cedo para escrever. Tenham os nossos collegas da opposição paciencia para aguardar o desenlace d'aquelle estranho episodio, e poderão então, sem dar armas aos adversarios do paiz, nem prejudicar os interesses do estado, tomar estreitas contas ao governo, apreciando os seus actos com inteiro conhecimento do assumpto. O que, porém, desde já se pode affirmar é que nenhuma concessão se fez, nem será feita aos portadores, quaesquer que elles sejam, dos titulos do emprestimo de D. Miguel, e que o governo continuará a cumprir os seus deveres, como o tem feito até hoje. Esta declaração é explicita e terminante. Fiquem-o assim entendendo.

— Desde a sua chegada a Lisboa o sr. desembargador Castro Mattoso tem-se occupado constantemente dos negocios d'esse districto e dos do circulo que tão dignamente representa. Assiduo, incansavel e insistente como poucos, em tudo o que interessa á causa publica, s. ex.ª tem conseguido já bastante do que muito interessa aos districtos d'Aveiro e Coimbra—circumscripções que tanto lhe devem já.

— Está finalmente em Lisboa o sr. Carlos Lobo d'Avila, vindo de Paris, onde esteve alguns mezes com seus paes.

— Está em Coimbra, com suas interessantes filhas, a ex.ma sr.ª D. Ernestina Navarro, esposa do sr. ministro das obras publicas.

— Regressaram hontem do estrangeiro o sr. Henrique de Macedo e sua ex.ma espoza.

— Regressaram a Lisboa os srs. conde de Valenças, e conselheiro José Dias Ferreira, que estiveram alguns dias em Coimbra.

— O governo recebeu hoje do governo geral de Moçambique este importantissimo telegramma:

Ministro da marinha.—Lisboa.—Os Namarraes, abatidos pelos prejuizos que soffreram e receiosos da continuação da guerra, vieram entregar duas peças de calibre 8, abandonadas no combate de 1 de setembro, pedindo humildemente a paz. Eu exigi entregar Regulo Macuto. *Almeida.*

Os Namarraes são os povos da costa fronteira a Moçambique, que recentemente se tinham apoderado de duas peças nossas que ficaram no campo. Como se vê a honra da bandeira portugueza mais uma vez foi mantida e vingada n'aquelles paragens.

— Recebeu-se aqui de Berlim o seguinte telegramma:

«Lotações feitas pela commissão do norte com os vinhos das diversas regiões vinicolas portuguezas (norte e sul), foram muito applaudidas pelo jury e reconhecidas como constituindo vinho muito proprio para o consumo allemão.»

Esta noticia deve ser agradavelmente recebida pelos nossos compatriotas, principalmente pelos nossos viticultores. Ha muito a esperar da tentativa que deu em resultado a justa apreciação dos nossos vinhos na grande Allemanha.

— Falla-se n'uma medida importante do sr. ministro da fazenda, a qual consiste em secularisar os conventos, que ainda existem, ficando apenas um em cada diocese, onde se reunirão as freiras existentes.

— Consta que alem do despacho judicial da semana passada, vae proximamente á assignatura real outro não menos numeroso, em que se comprehendem empregados d'esse districto, que são promovidos.

— Realisou-se no ministerio das obras publicas o concurso para a construcção da 2.ª empreitada geral de estradas no districto de Bragança, cuja base de licitação era de réis 408:000$000. Compareceram quatro concorrentes, dois dos quaes não apresentaram propostas organisadas em conformidade com o programma; offerecendo os restantes insignificantes abatimentos quanto ao preço da licitação. Nestes termos, o governo, usando da faculdade que se reservou pela condição 14.ª do programma do concurso de que se trata, determinou, em portaria datada de hontem, que não fossem acceites as propostas offerecidas, e que fosse aberta nova praça, que deverá realisar-se no dia 29 do proximo mez de dezembro.

— Parece que Suas Magestades e Altezas visitarão na proxima primavera a provincia do Algarve, onde ainda não foram.

— Está em Lisboa, e hospedou-se no hotel *Universal*, o nosso immortal romancista e brilhantissimo escriptor sr. Camillo Castello Branco.

— Na terça-feira, quando o sr. Jayme P. de Aguiar ia para depositar dinheiro no banco Lisboa & Açores, ao estar já dentro d'aquella casa bancaria, deu pela falta de 300$000 réis. Desconfiando de Julio Cesar da Cruz, morador na rua do Vigario, que tambem ali estava, queixou-se á policia e com bom resultado, porque ella conseguiu ante-hontem á noite capturar o tal individuo. Effectivamente fôra elle quem praticara o roubo, o que confessou depois de revistado e de se lhe encontrar grande parte do dinheiro e alguns objectos que comprara com o restante. Tinha ainda 220$000 réis em notas de cinco mil réis, 700 réis em prata; e comprara depois de ter pago umas pequenas dividas, uma capa á hespanhola, um chapeu e algumas peças de roupa branca. Foi remettido para juizo.

— E' gravissimo o estado do sr. Domingos Pinheiro Borges, coronel de engenheiros.

— Falleceu a ultima religiosa professa do convento de Jesus, em Setubal.

— Está em Lisboa o governador civil do Porto sr. Corrêa de Barros.

— O conhecido professor de latim do lyceu de Lisboa, sr. dr. Franco, quando ante-hontem de tarde descia de um americano, cahiu tão desastradamente, que fracturou a perna direita. Como se sabe este illustre professor tem ha muitos annos a outra perna mutilada.

— O regimento de cavallaria 2, lanceiros do Principe D. Carlos, teve ante-hontem exercicio para o exame de major do capitão de cavallaria 9, sr. Guilherme Augusto Tenreiro Ilharco.

— Foram já intimados, para despejo, os moradores dos predios pertencentes ao convento da Esperança, onde se vae estabelecer a padaria municipal de Lisboa.

—Houve hontem na Serra de Monsanto exercicio de combate de uma brigada mixta, para o exame de general do coronel d'artilheria 4, sr. Vicente Ferreira Ramos. Constituiram a brigada uma bateria de artilheria 1, um esquadrão de lanceiros 2 e outro de cavallaria 4 e os regimentos de caçadores 5 e infanteria 2.

— Os coroneis dos regimentos de artilheria 1 e caçadores 2 foram hontem ao paço da Ajuda cumprimentar sua magestade a rainha e o sr. infante D. Affonso pelo seu regresso. Como se sabe, o sr. infante é capitão honorario do primeiro d'estes regimentos, e o segundo tem o titulo de sua magestade a Rainha.

— Hontem, ás 10 horas da manhã, realisou-se na egreja das Mercês, com grande fausto, o casamento do sr. Joaquim José dos Santos, chicoteiro, e morador na rua da Rosa, 47, loja. Este facto chegou ao conhecimento de uma visinha, Josepha de Jesus, que não havia sido convidada para as bodas, e que foi queixar-se á policia de que o noivo tinha deshonrado a sua filha, Maria da Encarnação, menor de 12 annos, que estava a servir na sua casa, e que já ha mais de quatro mezes tinha conhecimento do facto, mas como o seductor se tinha ligado a outra mulher, pedia a sua punição. A queixa foi enviada para o tribunal, onde correrá o processo até o julgamento de pronuncia. O facto é monstruoso e repugnante.

— Chegou a Lisboa o marquez D. Alex, acompanhado de dois engenheiros—Coleygnon e Regner, para proceder á sondagem do rio no sitio onde tem de construir-se a ponte a ligar Lisboa com a outra margem do Tejo. Parece que o marquez tem já contractos feitos com casas respeitaveis. A ponte medirá perto de 3:500 metros. Este cavalheiro pediu a concessão da ponte ao governo, sem nenhuma subvenção ou auxilio do estado.

— O *Economista Francez*, respondendo á consulta que lhe fazem alguns dos seus assignantes, sobre quaes os fundos que lhes aconselha para empregar as suas economias, diz que os fundos portuguezes são os que, no momento presente, offerecem mais garantias. E ahi está uma opinião imparcial que responde triumphantemente aos que andam por ahi a deprimir o nosso credito. O *Economista Francez* é uma publicação scientifica, muito acreditada e que não enganaria certamente a confiança dos que o consultaram. Os nossos fundos acham-se actualmente a 64,47 na praça de Londres. Com vista aos patriotas de cá. Felizmente que já lá vae o tempo em que elles estavam a 43 e ninguem os queria.

— O dono da casa onde se reunia o centro da *Esquerda Dynastica*, mandou sair d'ali os seus frequentadores. Mau simptoma!

— O sr. minstro das obras publicas vae proximamente ao Porto e a Vianna.

— Chegou hontem a Leiria o sr. bispo conde. Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EDITAL

POR ordem da Camara Municipal do concelho de Aveiro se faz saber que, em conformidade com o que dispõe o codigo de posturas municipaes, e com a resolução tomada em sessão camararia de 15 do corrente mez, serão mandados matar todos os cães que, do dia 24, em diante, forem encontrados divagando pelas ruas da cidade, sem terem dono conhecido, e que sejam reconhecidamente vadios.

E para constar se mandou passar o presente, que será publicado n'um jornal da localidade, e outros, que serão affixados nos logares mais publicos.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 19 de novembro de 1888.

O Secretario da Camara
Francisco de Pinho Guedes Pinto.

EDITAL

Manuel Firmino d'Almeida Maia, do Conselho de Sua Magestade, antigo Deputado da Nação, Cavalleiro da Legião de Honra, e Presidente da Camara Municipal de Aveiro, etc.

FAÇO saber que, pelas 11 horas da manhã dos dias 14, 15 e 16, do futuro mez de dezembro, se ha-de arrematar, em hasta publica, e ás portas dos Paços do Concelho, a cobrança de todos os impostos municipaes, já ha muito existentes, e lançados sobre os generos que se expozerem á venda no concelho, quer por grosso, quer a retalho, para ali serem consumidos, incluindo tambem a renda do aluguer do matadouro publico,—tudo durante o futuro anno de 1889.

Os arrematantes são obrigados a prestar á camara fiador idoneo, e a assignar lettras, que sirvam de garantia do preço da arrematação, e bem assim a cumprir as demais condições, que desde já estão patentes na Secretaria Municipal.

A camara reserva-se o direito de retirar da praça as arrematações, que não attingirem o preço das dos annos anteriores, assim como o de fazel-as em globo, ou por freguezia, ou grupos de freguezias, conforme fôr mais util e proveitoso para o cofre municipal. E para constar mandei passar o presente, para ser publicado pela imprensa, e outros, de egual theor, para serem affixados nos logares mais publicos e do costume. Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 20 de novembro de 1888. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, Secretario da Camara, que o subscrevi.

O Presidente da Camara
Manuel Firmino d'Almeida Maia.

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Paris) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*. *Exija-se a assignatura do* RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES
78, Faubourg Saint-Denis, Paris,
e em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO

A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de paude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Déde, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infallivels*.»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, cansou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa doce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

—

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Moutons.»

—

Quatro vezes mais nutriente do que a carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa *cincoenta vezes menos* que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua do Mousinho da Silveira.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

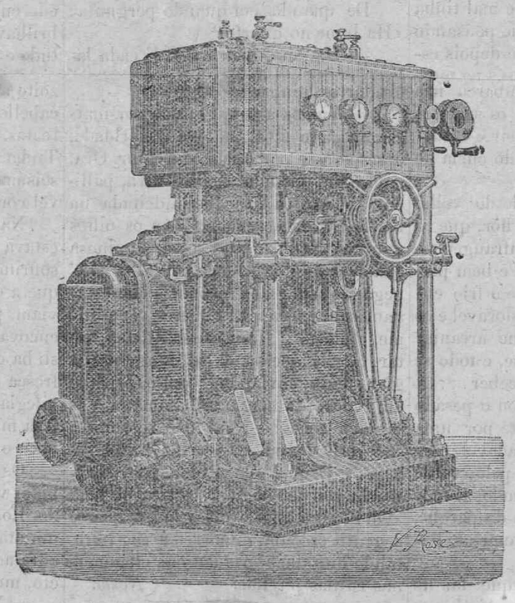
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau*.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar e estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macacs a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos moveis a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO DR FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria 1, 2 a 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES, com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Pharm.as

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.

Não tem rival.

E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

DIRECÇÃO

DAS

OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

Estrada real n.º 42 de Vizeu ao Porto

Lanço do Moradal a Santa Cruz

PONTE DO CAIMA

ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 11 de dezembro do corrente anno, pelas 11 horas da manhã, na Administração do concelho de Macieira de Cambra, e perante o respectivo Administrador, serão recebidas propostas em carta fechada para a construcção d'uma ponte sobre o rio Caima no dito lanço d'estrada.

Base de licitação..... 4:100$000
Deposito provisorio..... 102$500

A carta fechada que cada concorrente apresentar deve conter:

1.º—Declaração por escripto, obrigando-se a fazer o deposito definitivo que é de 5 0/0 sobre o valor da adjudicação;

2.º—Documento de competencia para a execução do trabalho;

3.º—Proposta do preço, fechada em subscripto separado.

Os desenhos, medição e condições especiaes da arrematação estão patentes na secretaria da Direcção em Aveiro, todos os dias não santificados, das 9 horas da manhã ás 3 horas da tarde.

Aveiro, 20 de Novembro de 1888.

O Engenheiro Director,
Francisco da Silva Ribeiro.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta e Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose*, assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Ph.en, 102, rue Richelieu, 3.e de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Ph.cias.

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS PELO DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHEA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os; unica legalmente auctorisada e privilegiada. E um çonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e do facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doentas, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias do Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

PILULAS DE BLANCARD DE IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo — PARIS 1853 1855

Estas pilulas, em que acham-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*palidez das mennas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reflectiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui junto. Blancard

Pharmac.en em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

GRAMMATICA INGLEZA

POR

JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo do *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO